

A ALN E CUBA: APOIO E CONFLITO

RESUMO

A partir de 1967, Cuba elegeu Carlos Marighella como o principal nome da revolução no Brasil e a organização que criara, a ALN, a mais bem preparada para desencadeá-la. Tanto entre a esquerda como entre a direita, sempre houve uma espécie de mística em torno das relações dos dirigentes revolucionários que receberam apoio de Cuba e, em particular, de Marighella com Cuba. No entanto, ao pesquisar o apoio de Cuba à luta armada no Brasil, em três momentos, ficou claro que suas relações com Marighella e a ALN não eram sem tensões e conflitos. E as contradições jamais foram resolvidas, mesmo depois da morte do dirigente, que culminou num dos episódios mais trágicos da história da luta armada no Brasil: a volta de militantes do chamado III Exército da ALN. O texto tem como objetivo, portanto, a divulgação de algumas entrevistas editadas, nas quais as relações de apoio e conflito entre Cuba e a ALN aparecem.

PALAVRAS-CHAVE

Revolução; Luta armada; Vanguarda; Guerrilha; Cuba

RELAÇÃO DAS SIGLAS

ALN – Ação Libertadora Nacional

Colina – Comandos de Libertação Nacional

G2 – [órgão do Estado cubano que conjuga atividades de serviço de informação e contra-informação e de polícia política]

KGB – Comitê de Segurança do Estado [órgão do Estado soviético que conjuga atividades de serviço de informação e contra-informação e de polícia política]

MNR – Movimento Nacionalista Revolucionário

Molipo – Movimento de Libertação Popular

MR-8 – Movimento Revolucionário 8 de Outubro

PCB – Partido Comunista Brasileiro

VPR – Vanguarda Popular Revolucionária

Denise Rollemberg¹

A ALN E CUBA: APOIO E CONFLITO²

Ao pesquisar o apoio de Cuba à luta armada no Brasil, entrei em contato com algumas questões acerca das relações do governo cubano com a Ação Libertadora Nacional (ALN), a mais expressiva organização de luta armada entre as diversas que surgiram, nos anos 1960 e 1970, como alternativa no campo da esquerda às posições e práticas do Partido Comunista Brasileiro (PCB).³

O apoio de Cuba à luta armada foi dado a revolucionários em três momentos diferentes. Primeiro às Ligas Camponesas, no período anterior ao golpe civil-militar de 1964, durante o governo institucional de João Goulart. Neste momento, traduzia-se em orientação para a implantação da guerrilha e fornecimento de armas e dinheiro para a montagem de campos de treinamento no país. Este projeto foi abortado com a queda destes campos, com o declínio da capacidade de organização e coesão das Ligas — não apenas por causa da repressão, mas também pela concorrência dos sindicatos e pelas disputas internas — e, por fim, com o Golpe. Em seguida, em 1965, Cuba passou a apoiar

¹ Professora de História na Universidade Federal Fluminense. <deniserollemberg@uol.com.br>

² O projeto de pesquisa, *O Apoio de Cuba à Luta Armada no Brasil: o treinamento guerrilheiro*, foi desenvolvido com apoio de Bolsa Recém-Doutor, do CNPq, junto ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), dando origem ao livro com o mesmo título, publicado pela Mauad, Rio de Janeiro, em março de 2001.

³ A pesquisa foi feita com base em documentação dos Fundos Dops-RJ (Arquivo do Estado do Rio de Janeiro) e Deops-SP (Arquivo do Estado de São Paulo) e de processos da Coleção Brasil Nunca Mais (Arquivo Edgard Leuenroth-Unicamp) e em entrevistas com ex-guerrilheiros. Como desdobramento desta pesquisa, escrevi também o texto *Clemente*, sobre Carlos Eugênio Sarmento Coêlho da Paz, ex-militante da ALN, para a coletânea *Perfis cruzados: trajetórias e militância política no Brasil*, organizada por Beatriz Kushnir, publicada pela Imago, Rio de Janeiro, 2002. As questões esboçadas no presente texto estão sendo aprofundadas no meu atual projeto de pesquisa sobre a Ação Libertadora Nacional (ALN).

Leonel Brizola, exilado em Montevidéu, com dinheiro e treinamento guerrilheiro, a partir deste momento, realizado na Ilha. Brizola estava à frente do Movimento Nacionalista Revolucionário (MNR), organização criada para agrupar militares de baixa patente expulsos das Forças Armadas, políticos e outras lideranças de movimentos sociais próximos ao ex-governador, todos exilados no Uruguai. Na seqüência da queda de Caparaó, em abril de 1967, os outros focos ensaiados pelo MNR foram desmobilizados. Cuba elegeu, então, Carlos Marighella como o principal nome da revolução no Brasil e a organização que surgia, a ALN, a mais bem preparada para desencadeá-la.

Como sabemos, Marighella estivera presente na conferência que deu origem à Organização Latino-Americana de Solidariedade (OLAS), entre 31 de julho e 10 de agosto de 1967, que estenderia a revolução pela América Latina. Este ato significava o rompimento do antigo militante com o PCB, contrário à luta armada. Já a partir de setembro, ou seja, logo depois da formação da OLAS, os primeiros militantes enviados por Marighella começaram o treinamento em Cuba. Até o início dos anos 1970, não apenas a ALN, mas também outras organizações de vanguarda, como Vanguarda Popular Revolucionária (VPR) e do Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8), integraram os chamados Exércitos da ALN, ao todo quatro, passando pela experiência do treinamento oferecido a guerrilheiros de diversas nacionalidades da América Latina.

Assumindo a política de “exportação da revolução” como meio salvar a própria revolução, o apoio à guerrilha no Brasil tornava-se essencial.⁴ O país era estratégico em todos os sentidos, devido à dimensão territorial e à posição política e econômica no continente. Neste contexto, tanto entre a esquerda como entre a direita, sempre houve uma espécie de mística em torno das relações dos dirigentes revolucionários com Cuba e, em particular, de Marighella com Cuba. A ALN e seu idealizador pareciam representar, melhor do que as Ligas Camponesas e o MNR, e suas respectivas lideranças, a vanguarda concebida no espírito

⁴ Sobre a política de “exportação da revolução”, ver BENIGNO. *Vie et mort de la révolution cubaine*. Paris: Fayard, 1996; BANDEIRA, L. A. M. *De Martí a Fidel: a Revolução Cubana e a América Latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998; ROLLEMBERG, D. *O apoio de Cuba à luta armada no Brasil: o treinamento guerrilheiro*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

da supervalorização da ação e justificada pela teoria do foco. A própria maneira pela qual se deu o rompimento de Marighella com o PCB, simbolizado pela ida à Cuba, alimentou esta idealização. Para a direita, era a prova da ingerência do comunismo internacional nos rumos internos do país. Para a esquerda que aderiu ao foquismo ou que, simplesmente, viu nos acontecimentos na Ilha a comprovação de que a revolução estava sim no horizonte, mesmo diante de situações as mais adversas, o apoio de Cuba representava legitimação e *status*.

Ao longo da pesquisa, entretanto, ficou claro que as relações de Marighella e da ALN com Cuba, mesmo depois de sua morte, em novembro de 1969, não eram sem tensões e conflitos. Se o apoio era bem recebido, não significava, para Marighella, o meio pelo qual o governo cubano iria intervir nos rumos da revolução brasileira. O apoio jamais levaria à perda da autonomia da organização, a entrega da direção da guerrilha e, muito menos, a subserviência. Esta foi a sua posição até o fim, resistindo às tentativas de Cuba de intervir na organização que estaria à frente da revolução num país estratégico para a vitória no continente e, assim, na própria Ilha. Alguns episódios evidenciam esta tensão. Em outras palavras, as relações entre Marighella e Cuba não eram tão “tranqüilas”, como pareciam para a esquerda e a direita. Joaquim Câmara Ferreira, quando assumiu a direção da ALN, teria tido mais dificuldade de resistir às pressões. Ainda assim, as contradições jamais foram resolvidas.

A seqüência das tentativas de Cuba intervir na ALN foi culminada, em 1971, portanto, posterior ao assassinato de Joaquim Câmara Ferreira (outubro de 1970), num dos episódios mais trágicos da história da luta armada no Brasil: a volta de militantes do chamado III Exército da ALN. Estes guerrilheiros treinaram, como membros da organização, entre maio e dezembro de 1970. No ano seguinte, ainda em Cuba, discordando dos rumos da organização, cindiram, formando o Grupo dos 28 ou Grupo da Ilha. Os motivos da cisão são controvertidos. Ex-militantes da ALN que aderiram ao racha no Brasil, quando se formou o Movimento de Libertação Popular (Molipo),⁵ acreditam que as

⁵ O Molipo, portanto, surgiu da união de militantes da ALN — que racharam com a organização, aqui, no Brasil — com o Grupo dos 28, no momento em que estes voltavam de Cuba.

críticas ao militarismo pelo qual a organização enveredara são essenciais para a sua compreensão. Sobre este argumento, é bom lembrar que a ALN, na verdade, nasceu sob o signo do militarismo. Embora as circunstâncias do isolamento da luta armada tenham levado este aspecto da organização às últimas conseqüências, ele estava de maneira muito clara na sua origem. O trabalho de massas desde o início esteve totalmente subordinado à ação direta.⁶ Ex-militantes da ALN, que foram contra a cisão, interpretam-na como um resultado da interferência de Cuba na organização: depois de muitas tentativas, enfim, os cubanos teriam “cooptado” a ALN, ou melhor, parte dela. O fato é que, no processo de ruptura, a nova organização — o Grupo dos 28 ou Grupo da Ilha — recebeu total apoio do governo.⁷

Jacob Gorender, tentando compreender a formação do pensamento de Marighella, no qual foi estruturada a ALN, destaca a estada em Cuba, entre junho e dezembro de 1967, quando *sofreu acentuada flexão, para a qual já estava propenso e que, sem dúvida, não se verificaria tão depressa sem o influxo direto das teses cubanas*. No entanto, acredita que, nos textos escritos lá e nos posteriores, *delineia-se um ideário que não se limita à cópia da teoria oficial cubana, porém procura adaptar o modelo castro-guevarista a certos dados da experiência brasileira*. Nesta síntese, elementos do pensamento individual foram incorporados. Na base de tudo, encontra-se o princípio da ação: *É a ação que faz a organização e a desenvolve. Ação significa violência revolucionária, luta armada, guerrilha. A ação cria tudo a partir do nada, do zero (repete-se a sentença de Fidel Castro)*. Gorender identifica *o ativismo, a exaltação da violência e o*

⁶ Sobre a formação da ALN, ver: GORENDER, J. *Combate nas trevas: a esquerda brasileira: das ilusões perdidas à luta armada*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1987. cap. 13, p. 94-100.

⁷ No dossiê do Centro de Informações do Exército, Ministério do Exército, sobre o treinamento em Cuba, constam os nomes de 33 pessoas no III Exército da ALN, incluindo 7 banidos (José Dirceu de Oliveira e Silva, inclusive) e mais Franklin Martins. Ou seja, o Grupo da Ilha foi formado pelos militantes do III Exército, menos Franklin e os banidos (mas incluindo José Dirceu): 26 militantes. Em seguida, integraram-se Carlos Eduardo Fleury e Jeová Assis Gomes, banidos em junho de 1970, somando-se, portanto, 28 guerrilheiros. ARQUIVO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, Fundo Dops-RJ, Setor Comunismo: *Curso de guerrilha realizado em Cuba. Relação do cursado*. Ministério do Exército, Comando do I Exército, Rio de Janeiro, GB, 21 nov. 1972. Pasta 115, f. 1 a 112.

antiteoricismo de seu pensamento ao anarco-sindicalismo de Sorel. Quanto à guerrilha rural,

Marighella também introduziu uma modificação na teoria cubana em voga. Após o fracasso, no Brasil, do foco de Caparaó e da derrota de Guevara, na Bolívia, o foquismo puro e simples foi questionado pelos partidários da luta armada.

Marighella se declarou contrário aos focos e, inspirado na experiência histórica brasileira (das lutas contra os holandeses ao cangaço de Lampião), apresentou a tarefa das colunas guerrilheiras móveis, que se deslocariam contando com pontos de apoio de antemão assentados. Todavia, a modificação introduzida é secundária no contexto geral. O foquismo se mantém, na medida em que a guerrilha começa do zero, dissociada de qualquer movimento de massas, e incorpora a função de vanguarda política.⁸

Como sabemos, Marighella tinha longa experiência como militante comunista, viveu como tantos outros de sua geração os debates internos no PCB, a efervescência dos movimentos sociais de direita e de esquerda do período pré-1964, enfim, toda uma conjuntura de participação política que foi golpeada em 1964. Exatamente porque incorporou as teses cubanas sem se desfazer da realidade brasileira, o caminho proposto pela teoria do foco — *a guerrilha começa do zero, dissociada de qualquer movimento de massas* — parecia perfeito para países como o Brasil, onde os movimentos sociais inexisteriam ou estavam desorganizados diante de circunstâncias adversas. *O foquismo se mantém* em seu pensamento e, assim, na ALN, mas, talvez, para justificar a avaliação que tinha da realidade de seu país, para legitimar, numa revolução vitoriosa, uma opção feita *a priori*. É, portanto, neste quadro de independência e apoio de Cuba que se inscrevem as relações que se iniciaram em 1967.

A seguir, apresento a edição de algumas entrevistas feitas para a pesquisa, nas quais as relações de apoio e conflito entre Cuba e a ALN aparecem.⁹ Também foram editadas, como

⁸ GORENDER, op. cit., p. 95-98

⁹ As fitas e as transcrições das entrevistas foram doadas ao Arquivo Edgard Leuenroth, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp.

desdobramento deste tema, algumas das passagens que sugerem a comparação entre as diferenças e semelhanças entre Carlos Marighella e Joaquim Câmara Ferreira, os dois principais dirigentes da ALN.

ENTREVISTA COM DOMINGOS FERNANDES¹⁰

DOMINGOS FERNANDES - *O racha [na ALN] na verdade foi uma coisa criada pelos cubanos. Quando eu digo criada é assim: havia a direção nacional da organização que não se fazia presente em Cuba, não atuava. Aliás, eu acho que foi uma coisa premeditada do Marighella, por alguma intenção sobre a qual nunca parei para pensar. O Marighella nunca chegou e disse: “Você vai ser a pessoa responsável pela organização em Cuba.” Ele nunca disse isso para ninguém e aí os cubanos se arvoravam um pouco os representantes... O Marighella achava que Cuba era uma retaguarda estratégica, uma coisa assim. Os cubanos faziam a leitura disso como se fosse uma coisa que eles comandariam. Então, chegavam as pessoas lá e eles organizavam à maneira deles. A excrecência maior que houve em relação a isso foi o tal comandante Raul.[...] Ele saiu de Cuba para voltar para o Brasil para ser o grande comandante da ALN. Chegou aqui e voltou, foi para a Europa, para a Suécia, num total desbunde no sentido pessoal. Foi um negócio tão criminoso o estado cubano criar um sujeito completamente agnóstico ao processo. Eles disseram: “Você vai ser o comandante”, porque ele era um cara dócil. Transformaram-no em comandante. Ele fez esses cursos de estado maior, não sei o quê, virou uma coisa artificial, porque o grupo não aceitava o comando dele.[...] Pode falar com qualquer um que estava lá, os caras não suportavam ele.*

DENISE ROLLEMBERG - Você acha que ele foi escolhido por ser um cara...

¹⁰ FERNANDES, D. Domingos Fernandes: depoimento [4 jul. 2000]. Entrevistadora: Denise Rollemberg. São Paulo, 2000. Fita 2, lado A. Entrevista concedida ao Projeto de Pesquisa O Apoio de Cuba à Luta Armada no Brasil: o treinamento guerrilheiro. (Domingos Fernandes militou na ALN, foi preso em 19 de dezembro de 1969 e libertado em junho de 1970, trocado pelo embaixador alemão Ehrefried von Holleben, junto com outros 39 presos políticos.)

DOMINGOS - *Eu acho que ele foi escolhido porque ele era um cara meio puxa-saco dos cubanos. Pode até ser que ele tivesse uma qualidade militar no sentido militaresco, não no sentido político-militar, no sentido de saber atirar, essas coisa de militar. Esse cara quando saiu de Cuba, quer dizer, houve uma certa dificuldade porque a Zilda¹¹ não gostou dessa história de ele ser comandante do grupo e o Toledo mandou algum tipo de recado para lá dizendo que não autorizasse essa coisa maluca de fazer desse cara comandante... Para o Marighella, esse negócio de Cuba era o seguinte: bota as pessoas lá, elas aprendem a atirar e manda de volta. Não tinha esse sentido... O Toledo tomou parte mais disso, porque ele teve um tempo lá, ele viu. [...] Para o Marighella, as pessoas chegavam lá, entravam num treinamento... Era como pegar as pessoas aqui e botá-las num mato e elas vão aprender coisas militares. O sentido que o Marighella dava a esses cursos era isso, não tinha nenhum sentido político-militar...*

Então os cubanos entrevistam dessa maneira. Quando nós chegamos em Cuba [refere-se ao grupo de militantes da ALN, trocado pelo embaixador alemão, que foi treinar em Cuba, vindo da Argélia], nós fizemos uma operação que os cubanos nunca engoliram. A gente tirou uma pessoa de Cuba sem os cubanos saberem.

DENISE - Como vocês fizeram isso?

DOMINGOS - *A gente fez assim: nós chegamos lá e vimos aquela maluquice total, aí nós pegamos uma pessoa que veio do nosso grupo, o Fayal¹², e o mandamos de volta para a Argélia, porque a família dele estava lá. Da Argélia, a gente articulou de ele não voltar para Cuba, para denunciar essas coisas internamente na organização.*

DENISE - Essa interferência dos cubanos?

DOMINGOS - *É, essa interferência dos cubanos. E foi uma estratégia meio... como a gente diria... do nosso jeito. Não foi uma coisa pensada, mas é que a gente achava aquilo um absurdo. Os caras mandavam na organização e limitavam as informações, a gente queria conversar com fulano, beltrano, a maior dificuldade...*

DENISE - Mesmo dentro da organização?

¹¹ Zilda Xavier Pereira, militante da ALN.

¹² Carlos Eduardo Fayal, militante da ALN, preso em 1969, trocado pelo embaixador alemão Ehrefried von Holleben, em junho de 1970, com outros 39 presos políticos.

DOMINGOS - *É, porque a gente estava num Estado em que não podia viajar. Cuba não era um país em que você chegava num guichê e comprava uma passagem... A gente não sabia onde estavam as pessoas e eles não facilitavam...*

DENISE - *Por quê? Qual a sua avaliação?*

DOMINGOS - *Eles falavam de coisas de segurança, achavam que ali havia os gusanos¹³, as pessoas que eles chamavam de gusanos que eram pessoas que vinham de Miami e que ficavam nesse entrave. Achavam que poderia haver atentados. Não estou dizendo que não houvesse isso, porque havia realmente. Cuba é muito próximo de Miami. Então não havia dificuldade de pessoas chegarem, atravessarem o canal e virem para Cuba, para Havana. Mas isso era uma desculpa. Na verdade, o que eles queriam era ter um controle das organizações. Não tenho nenhuma dúvida disso.*

DENISE - *Você achava isso lá também?*

DOMINGOS - *Eu achava isso, eu agia como se isso fosse assim, tanto que havia pessoas que acreditavam nisso e pessoas que não acreditavam e mais do que isso: havia pessoas que agiam e pessoas que não agiam. A gente usou uma estratégia de tirar o Zaratini¹⁴ também para ele denunciar e ele foi. A gente manobrou para ele ser convidado pela Coréia. Ele foi à Coréia e da Coréia não voltou. Era casado, tinha uma filha em Cuba e não voltou mais. Para fazer também essa denúncia de que estava havendo uma interferência e de que a gente não controlava os quadros. Os cubanos tinham sobre isso uma coisa meio assim: eles eram os pais da revolução... Havia uma rádio em Cuba que falava sempre: "Cuba, o primeiro território livre da América". Isso era uma coisa da qual eles se vangloriavam. Veja bem, eu não quero que você entenda isso assim: "Vamos articular essas organizações e vamos controlar a América." Não, não era isso. Eles tinham noção do tamanho da importância de Cuba no continente. Eles não tinham a pretensão imperialista, vamos chamar assim, que houve num determinado momento em relação, por exemplo, à União Soviética num período de Stalin ou mesmo do Mao que teve em*

¹³ *Gusano*, em espanhol, significa verme, lombriga. Ver: PEREIRA, H. B. C.; SIGNER, R. *Michaelis soft Espanhol-Português*. DTS Software Br. Ltda., 1998. Versão 5.1.

¹⁴ Ricardo Zaratini Filho, militante da ALN, libertado em setembro de 1969, trocado, com mais 14 presos políticos, pelo embaixador americano Charles Burke Elbrick.

relação a um certo controle de um pedaço do planeta. Não era isso. Eles achavam, na minha leitura, que eles seriam um motor dessa revolução, esse contraponto ao Estado americano. Eles criariam uma nova dinâmica através desses grupos...

DENISE - A cisão na ALN, em Cuba, teve a ver com as divergências aqui a respeito da morte do Márcio Leite de Toledo?¹⁵

DOMINGOS - *Se alguém falou isso falou para justificar. [...] O Molipo foi uma coisa que os cubanos incentivaram¹⁶, [...] Na verdade, o que eles mesmo queriam era uma outra organização. No Rio, a Dissidência Universitária formou aquilo que depois virou MR-8. Aqui em São Paulo não, essa Dissidência Universitária se partiu: um grupo foi para a VPR, o Chael...¹⁷ e uma outra parte foi para a ALN: Paulo de Tarso, o Fleuryzinho, o Dirceu...¹⁸ Esse grupo tentou de certa maneira manter uma organização dentro da ALN. Eles não aceitavam muito essa coisa pilotada pelo Marighella, eles queriam ter um...*

DENISE - Você acha que desde o momento em que eles entraram estavam...

DOMINGOS - *Eles já entraram meio organizados...*

DENISE - ...independentes...

¹⁵ Márcio Leite de Toledo, militante e dirigente da ALN, morto por companheiros da organização em 23 de março de 1971, em São Paulo. Sobre o caso, ver GORENDER, 1987, loc. cit., e RIDENTI, M. *O fantasma da revolução brasileira*. São Paulo: Ed. da Unesp, 1993.

¹⁶ A partir daqui: FERNANDES, D. Domingos Fernandes: depoimento [4 jul. 2000]. Entrevistadora: Denise Rollemberg. São Paulo, 2000. Fita 2, lado B. Entrevista concedida ao Projeto de Pesquisa O Apoio de Cuba à Luta Armada no Brasil: o treinamento guerrilheiro.

¹⁷ Chael Charles Schreier, militante da VAR-Palmares, preso em 21 de novembro de 1969, morto sob tortura, em 24 de novembro.

¹⁸ Paulo de Tarso Venceslau, militante da ALN, preso em outubro de 1969, condenado pela participação no seqüestro do embaixador americano Charles Burke Elbrick, foi libertado em 1974; Carlos Eduardo Pires Fleury, militante da ALN, foi preso em 30 de setembro de 1969 e trocado pelo embaixador alemão Ehrefried von Holleben, em junho de 1970, com outros 39 presos políticos; foi um dos líderes da cisão da ALN, em Cuba, que deu origem ao Grupo dos 28 e, em seguida no Brasil, ao Molipo; foi morto em 10 de dezembro de 1971; José Dirceu de Oliveira e Silva, militante da ALN, trocado pelo embaixador americano Charles Burke Elbrick em setembro de 1969, com outros 14 presos políticos; participou da cisão da ALN que deu origem ao Grupo dos 28, em Cuba; retornou ao Brasil, tornando-se militante do Molipo; não foi mais preso e é um dos seis sobreviventes do Grupo.

DOMINGOS - *É, por aí. Quando chegou em Cuba, por uma coincidência, uma feliz coincidência, eles estavam lá em maioria naquele grupo. Tanto que a “Loira” - como é que se chamava a “Loira”, que a gente chamava de “Loira”? Um cara que tinha um cabelo de fogo... Como é que se chamava ele? Não lembro... que era um dos líderes do Molipo em Cuba?*

DENISE - Lauriberto?

DOMINGOS - *Lauriberto, a “Loira”. Não era homossexual. É porque ele tinha os cabelos tão loiros que eram quase cabelos de fogo e chamavam assim, meio que por brincadeira.*

DENISE - Eram os três [Antonio Benetazzo, Lauriberto Reyes¹⁹ e Carlos Eduardo Fleury], os líderes?

DOMINGOS - *É. Tanto que eles em Cuba... Eu fui me encontrar com eles lá no Punto Zero,²⁰ porque eles já estavam saindo do treinamento... um médico que dizem que está vivo até hoje...*

DENISE - O Boanerges²¹?

DOMINGOS - *O Boanerges. Eu fui me encontrar... tive uma conversa de quase quatro horas com eles... E para ele, era: eles já estavam*

¹⁹ Antonio Benetazzo e Lauriberto José Reyes, militantes da ALN e lideranças da cisão que deu origem ao Grupo dos 28 e, em seguida, no Brasil, ao Molipo; mortos, respectivamente, em 27 de outubro de 1972 e 27 de fevereiro de 1972.

²⁰ Punto Zero, quartel do exército cubano, próximo a Havana, Cuba, no qual era feita a primeira parte do treinamento guerrilheiro de estrangeiros.

²¹ Boanerges de Souza Massa, militante da ALN que participou da cisão que deu origem ao Grupo dos 28, em Cuba, e, em seguida, ao Molipo. Segundo documento do Fundo Dops-RJ (CIE-5/103), estava preso em 21 de junho de 1972; está desaparecido, mas seu nome não consta do dossiê dos mortos e desaparecidos. Cf. COMISSÃO DE FAMILIARES DE MORTOS E DESAPARECIDOS POLÍTICOS; INSTITUTO DE ESTUDO DA VIOLÊNCIA DO ESTADO; GRUPO TORTURA NUNCA MAIS. *Dossiê dos mortos e desaparecidos políticos a partir de 1964*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1996. A Comissão Nacional de Familiares explica que a situação dele não ficou esclarecida. *Estava preso, chegou a ser visto por outros presos políticos, mas a sua prisão nunca foi assumida pelos órgãos repressivos nem saiu versão oficial. Não se formou convicção no grupo sobre o que ocorreu de fato com ele. [...] Havendo prova de militância política e da prisão de Boanerges após o regresso de Cuba, e sendo considerada a afirmação dos seus familiares de que ele está desaparecido desde então, a Comissão Especial por unanimidade acompanhou o voto do relator Nilmário Miranda pelo reconhecimento da responsabilidade do Estado em sua morte*. Cf. MIRANDA, N.; TIBÚRCIO, C. *Dos filhos deste solo: mortos e desaparecidos políticos durante a ditadura militar: a responsabilidade do Estado*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo: Boitempo, 1999. p. 154-155.

cindindo, estavam rompendo e nós, que tínhamos chegado em Cuba, íamos treinar... e eles tentando ganhar, como eles ganharam o Jeová²² e o Fleury que saíram nos 40. Eles queriam ampliar isso, tinham ganho dois caras do Rio. [...] A história do Boanerges era: “Nós temos uma organização nova dentro dessa organização”. Como se fosse no sentido de depuração. Você está dentro de uma coisa que tem de tudo. Então, agora vamos... E eu: “Cara, vocês estão aqui longe do país. Está todo mundo lá caindo... a ditadura. Vocês estão completamente alheios ao que está acontecendo. Nós fomos soltos durante a Copa do Mundo! O que estava acontecendo com a gente era assunto de décima prioridade! Os caras estão lá mais preocupados é com a riqueza que o país está criando e com essa história desse Ame-o ou Deixe-o”. Eles achavam que era possível, numa coisa de artimanha, de artesanaria, de engenharia política criar uma nova... E, claro, os cubanos incentivaram, financiaram essa coisa toda...

Na verdade, foi um ato criminoso. Claro, é o mesmo que eu dizer para você: “Pega uma arma e sai dando tiro para o alto ali, que você vai chegar a algum lugar”. Você vai ser uma maluca se obedecer a uma coisa dessa. Mas as pessoas obedeciam. Por exemplo, a coisa do Anselmo: ele teve coragem de falar tudo. Ele falou exatamente de A a Z sobre o assunto. Nesse quesito do Molipo, que levou à morte vinte pessoas, ou sei lá quantas, ele foi muito econômico... Quando o Arantes²³ chegou ao Brasil, ele tinha um barbeador elétrico. Ele trouxe dentro do barbeador elétrico uma série de nomes. A memória é uma coisa associativa. Durante a nossa estada em Cuba, quando a gente determinava que ia voltar para o Brasil, começava a anotar coisas, a associar. Então, ele pegou isso que fez durante meses quando ia voltar para o Brasil... um papelzinho onde anotava com letra minúscula, naquele tempo não tinha informatização, e botou embutido no

²² Jeová Assis Gomes, militante da ALN, preso em 12 de novembro de 1969, trocado com mais 39 presos políticos, pelo embaixador alemão Ehrefried von Holleben, em junho de 1970; participou, em Cuba, da cisão que deu origem ao Grupo da Ilha e, mais tarde, ao Molipo; voltou ao Brasil e foi morto em 9 de janeiro de 1972.

²³ José Roberto Arantes de Almeida, militante da ALN, participou, em Cuba, da cisão que deu origem ao Grupo da Ilha e, mais tarde, ao Molipo; voltou ao Brasil, foi preso em 4 de novembro de 1971 e morto no dia seguinte.

barbeador dele. Só ele e os cubanos sabiam porque ele pediu aos cubanos... geralmente você pedia ao contato: "Olha, me arranja uma coisa onde eu possa guardar". E ele foi preso, passou pouquíssimas semanas no Brasil. A polícia entrou na casa onde estava e foi direto no barbeador. Abriu o barbeador e pegou os papéis. Tem muita história que as pessoas não contam e tem certas pessoas que escondem. Não escondem no sentido de cercear não. Escondem porque acham que a Revolução Cubana, Estado cubano... Só que tem certas coisas que vão ficar para a história escondidas...

DENISE - É uma história que depende do depoimento oral. A gente está aqui agora, mas depois... Você acha que tinha alguma infiltração?

DOMINGOS - *Eu sei de uma coisa concreta: durante a volta do Molipo, teve um cara do esquema da inteligência cubana, na Europa, que traiu e derrubou várias pessoas na América Latina... Caiu gente de vários países... Não era difícil isso não. Se os cubanos acreditaram no Cabo Anselmo... O próprio Crioulo²⁴, quando foi a Cuba contou [que o Cabo Anselmo tinha feito acordo com a repressão]. Eles preferiram acreditar na história de que o Cabo Anselmo ia voltar, ia ser um líder, que era uma figura conhecida. Uma substituição do ícone do que foi o Marighella, do que foi o Toledo. Não era difícil infiltrar.*

DENISE - Se fala muito em pessoas do Grupo dos 28 que entravam no Brasil e desapareceram, que talvez estivessem vivas...

DOMINGOS - *É, essa história do Boanerges é... dizem que realmente ele está vivo. Não sei exatamente quem me disse...*

Os cubanos não tinham confiança na clandestinidade. Eles tinham confiança em pessoas: Por exemplo: eles confiaram no Raul. [...] Em Cuba ele era comandante. Então, é muito difícil você fazer essa seleção. [...] O Capitani²⁵, por exemplo, teve bastante contato com a gente e ele dizia assim: "Olha, a pessoa reage segundo a emoção que as pessoas têm no momento". Então,

²⁴ Luís José da Cunha, o Crioulo, dirigente da ALN, morto em 13 de julho de 1973.

²⁵ Avelino Capitani, dirigente da Associação dos Marinheiros e Fuzileiros Navais do Brasil, participante da rebelião dos marinheiros às vésperas do golpe, foi preso em 1964. Conseguiu fugir do Tribunal da Auditoria, deixando o país e exilando-se no Uruguai. Lá, se juntou ao MNR, foi para

hoje, eu tenho uma determinada consciência que eu não tinha na época. Se eu estivesse hoje naquele processo eu agiria de forma diferente. Não posso fazer um julgamento dessas pessoas assim. Quando eu estou te falando do Raul é porque havia certas coisas em Cuba que eram assim: determinadas pessoas tinham determinados privilégios e a ALN era vista como uma organização que tinha certos privilégios em Cuba. “Porque o Marighella, porque não sei o quê...” Então, eles tratavam as pessoas da ALN de maneira melhor, davam situações melhores e as pessoas gostavam disso, se sentiam privilegiadas...

...Foi um momento difícil para mim [em Cuba], porque foi um ano e meio onde eu mudei o trajeto da minha vida inteira. Quando eu cheguei, ia fazer um treinamento para voltar para o combate no país. Quando eu cheguei, falei: “Não é isso o que eu quero, não é um modelo, isso não pode ser um modelo”. Mudei o rumo, pouco a pouco, de uma maneira, às vezes, voluntarista, não era uma coisa muito científica... Eu tinha muita dificuldade de assumir as críticas porque tinha muita gente que cerceava e dizia: “Mas será que a gente não tem que engolir esses sapos”? E a gente ia tocando.[...] Quando eu te disse que a gente conseguiu tirar uma pessoa de Cuba, não foi uma coisa na calada da noite... A gente falou: “É preciso denunciar isso”. Chegou a família do Fayal, em Argel, dias depois que a gente chegou, e aí a gente chamou o Estado cubano e disse: “O cara tem que ir lá, precisa ver a família, a família tem contato com a organização”. Mentira. Então, os caras arrumaram um passaporte, ele foi, não voltou e saiu por aí... para Paris...

DENISE - E o Fayal fez esse trabalho?

DOMINGOS - *Fez. Foi a Paris, depois ao Chile. [...] Mas também não houve muita... Chegava aqui a informação de que os cubanos estavam interferindo na independência, mas aí o dia-a-dia aqui era tão duro... O final da ALN é uma coisa muito triste. Pessoal roubava, fazia posto de gasolina, uma coisa meio maluca... para*

Cuba, em dezembro de 1965, treinar, e voltou como guerrilheiro para fazer a Guerrilha de Caparaó (1966-1967). Com a queda do foco, em abril de 1967, foi mais uma vez preso e mais uma vez conseguiu fugir da cadeia, em 1969, exilando-se no Chile e em Cuba. Voltou para o Brasil, clandestino, em 1975. Capitani escreveu suas memórias: CAPITANI, A. B. *A rebelião dos marinheiros*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1997.

conseguir sobreviver a uma maquina que já tinha acabado. Era um processo que acabou e as pessoas... Eu li uma carta, que não era para mim, do Iuri²⁶ para mãe dele, em Roma. A Zilda me chamou e eu fui ler a carta porque ele falava em mim. [...] O Iuri falava: "Nós vamos..." , ele vivo, imagina uma pessoa viva falar um negócio desse para a mãe, numa carta!: "Nós vamos todos desaparecer fisicamente porque a gente precisa desaparecer para ficar para a história". Como quem diz: "Eu vou morrer, mas é uma morte simbólica da revolução". Como você pode acreditar numa coisa dessas? Só se você estiver num corredor, como eles estavam aqui, quase de... cego.

DENISE - A idéia do sacrifício...

DOMINGOS - *...havia um isolamento da sociedade. Ninguém mais acreditava nisso... Mas, ao mesmo tempo, eles não conseguiam recuar porque eles eram fruto de uma geração que via nisso outro tipo de coisa, que não exatamente isso que eles estavam fazendo... Eles não conseguiam ver o que eles estavam fazendo. Então, dou um grau de... não de anistia, mas sei lá, de perdão para essas coisas, porque eu não sei como eu agiria: tive a sorte de ter ficado seis meses preso, de não ter ficado aqui. Quando eu cheguei aqui tinha gente presa comigo, eu fui visitar pessoas... Quando eu saí, em junho de 70, estavam na Ilha Grande comigo e eu fui lá e falei: "O que vocês ficaram fazendo aqui malandros, dentro de um cilindro"? Eu me senti um privilegiado, porque eu rodei pedaço do mundo, consegui ter acesso... Aí, hoje, pessoal diz assim: "Esse Alex²⁷ é um porra-louca, ter virado Santo-Daime". Mas imagina, como é que você ficaria dentro de uma prisão durante dez anos, num regime louco desse? No alto momento da sua vida, nos vinte e poucos anos. Fiz as minhas opções, acho que sou feliz comigo, usando um pouco a expressão do Kurosawa no filme *O Homem Mau Dorme Bem*. Quando vou deitar a minha cabeça no travesseiro, me sinto feliz comigo. Mas não sou um satisfeito, não sou uma pessoa que diz: "Tudo bem, está resolvido, fiz minha parte". Eu sempre acho que posso fazer mais. Não sou do Partido Verde porque eu não tenho para onde ir. Eu acho que fiz parte de uma geração que continua dentro desse processo de*

²⁶ Iuri Xavier Pereira, dirigente da ALN, morto em 14 de junho de 1972.

²⁷ Alex Polari, militante da VPR, preso em maio de 1971 e libertado em 1979, com a reforma da Lei de Segurança Nacional.

transformação, de ver, de conseguir mudar a realidade das pessoas. Não gosto dessa coisa trotskista de revolução permanente. Não gosto disso. Acho que o ser humano tem uma necessidade de ter uma harmonia. Então, não é essa coisa de você viver eternamente a tensão.

ENTREVISTA COM JOSÉ CARLOS GIANNINI²⁸

JOSÉ CARLOS GIANNINI - *Vivi essa situação [da volta do Grupo dos 28] bem no início, no Brasil, ou seja, a chegada deles, das primeiras pessoas aqui. Depois, acompanhei uma parte quase que integral da morte praticamente de todos eles, na cadeia, no Deops. Eu fiquei nove meses no Deops, de janeiro a outubro de 72. Foi um período em que se matou muita gente desse Grupo. Um pouco a idéia que esses torturadores, esses militares lá passaram é que era um grupo que tinha alguma diferenciação em relação aos grupos anteriores.*

DENISE - Eles diziam isso? Por quê?

GIANNINI - *Diziam. Eu acho que tinha também uma certa lenda que corria internamente à organização: esse Grupo teria sido melhor preparado do que os demais. Porque essa cisão da ALN, que originou o Molipo, se deu no Brasil e ela se deu em Cuba também.*

DENISE - O nome Molipo foi dado aqui, não é?

GIANNINI - *Foi, foi dado aqui. E eu acho que também era uma coisa meio sugerida, nada dito claramente, que, nessa divisão em Cuba, os cubanos teriam ficado mais próximos ao pessoal dos 28.*

DENISE - Nessa cisão com a ALN teriam apoiado o pessoal dos 28?

GIANNINI - *É, mas não que teriam deixado de apoiar a ALN, mas que teriam, politicamente, tido uma preferência pelo apoio a esse Grupo.*

DENISE - Mas por quê?

GIANNINI - *Olha, eu não saberia te dizer, até por que essas questões nunca*

²⁸ GIANNINI, J. C. José Carlos Giannini: depoimento [13 jun. 2000]. Entrevistador: Denise Rollemberg. São Paulo, 2000. Fita 1, lado A. Entrevista concedida ao Projeto de Pesquisa O Apoio de Cuba à Luta Armada no Brasil: o treinamento guerrilheiro. (Giannini militou na ALN e aderiu à cisão, no Brasil, que deu origem ao Molipo. Foi preso em janeiro de 1972 e libertado em julho de 1979, com a reforma da Lei de Segurança Nacional.)

foram discutidas. O que eu estou te dizendo são coisas que eu ouvia, que se comentavam, enfim, não havia nada concreto, nem sei se é verdade... E depois isso aconteceu também, continuou existindo na cadeia. Na cadeia também se tinha essa impressão. Ninguém sabia exatamente por que, mas havia essa idéia, e era mais ou menos a idéia geral, de que teria havido nessa divisão... de que Cuba teria ficado mais simpática, digamos assim, a esse Grupo...

DENISE - Até o nome era sugestivo... Na documentação do Dops aparece: "O Grupo da Ilha... o pessoal está chegando, chegou mais um, chegaram dois, quem chegou, quem não chegou..."

GIANNINI - *Acho que tinha essa coisa, era uma situação que se vivia, era um clima que existia mesmo, de que essas pessoas teriam tido um treinamento diferenciado e não, necessariamente, porque o governo cubano teria feito um treinamento diferenciado. Mas talvez até mesmo por elas próprias... Se julgavam bastante preparadas. Então, poderia ter também uma coisa pessoal aí, uma coincidência ter um grupo mais técnica e militarmente pré-disposto e em condições de fazer um treinamento melhor.*

DENISE - Mas as pessoas deste Grupo não diferenciam muito das outras pessoas que tinham passado já pelo treinamento.

GIANNINI - *Mas aí é uma questão pessoal. Pode ser que já tinham uma propensão da pessoa ter mais facilidade para uma coisa militar, técnica, de disciplina. Pode ter havido uma certa coincidência, digo da performance desse Grupo, o desempenho dele, independentemente de qualquer diferenciação no treinamento e, portanto, tivesse um desempenho final melhor.*

DENISE - Você diz pessoas fisicamente mais bem preparadas?

GIANNINI - *Fisicamente, mais disciplinadas, com desempenho melhor. Pessoas que atiram melhor, com mais capacidade de tiro... [...] Pode ter sido isso, pode ter sido a combinação das duas coisas, mas o fato é que existia essa idéia de que esse Grupo era diferenciado em relação aos demais. Isso é uma coisa. A outra, o fato de ter havido o extermínio. Aí eu acho que é coincidência, não foi em função disso: "O pessoal que vem aí é um pessoal bravo, então vamos pegar pesado." Não, essa foi uma decisão política, independentemente desse Grupo, e que veio dos altos escalões do governo.*

DENISE - E também é o momento em que já se estava desbaratando...

GIANNINI - *(interrompendo) Já é a fase mesmo do massacre. Mas houve*

uma política deliberada, claramente, deliberada de que quem estivesse estado em Cuba ia morrer, a não ser que quisesse um acordo, assumir uns compromissos que eles sempre propunham. Se não, estava fora, eles matavam mesmo. Isso acho que não tem a ver com o Grupo, com essa idéia de ser um grupo mais perigoso ou mais preparado. Foi uma decisão política, deliberada, claramente definida, porque foi sistemática, não tinha jeito. Eu presenciei um caso desses. Fui testemunha até na justiça. Depois de muitos anos eles não assumiam a morte e a família precisava fazer o inventário e, formalmente, ele estava vivo. Então não conseguiam fazer o inventário porque a polícia do exército não reconhecia a morte. Então, criaram uma figura jurídica que se chama “presunção de morte”, para esses casos, para resolver esses tipos de problemas: a justiça comum decreta que, como a pessoa sumiu, presumivelmente está morta, sem identificar os responsáveis, as causas, não importa: pode ser atropelamento, caiu de um prédio, para a família poder tomar as providências necessárias. O caso dele era esse. Então, fui testemunha nesse caso de “presunção de morte” para que a família dele pudesse dar andamento no inventário. Se chamava Frederico Mayr²⁹ e eu o conheci aqui fora. Foi preso, tinha levado um tiro a bala, ficou meio sob a pele, uma coisa...

DENISE - Ele era dos 28?

GIANNINI - *Era. Era carioca. Um ferimento, visivelmente, que não tinha atingido nenhum órgão vital, um ferimento a bala, mas leve. E eu fui acarreado na primeira vez em que a gente chegou... Passou a noite lá... E os caras diziam isso mesmo: “Está nos 28 vai morrer mesmo, não tem jeito.” Ficaram com ele, mataram-no numa noite, sumiram com ele e devem ter colocado no jornal “fugiu”... eu nem sei o que eles fizeram, mas ele estava morto. Então, eles diziam isso mesmo... [...] Não foi em função de um treinamento específico, foi uma mudança mesmo na linha de ação da repressão em relação a essas pessoas que treinaram lá.*

DENISE - Como você caracteriza essas pessoas do Grupo dos 28, quer dizer, são estudantes basicamente de São Paulo... não é isso?

²⁹ Frederico Eduardo Mayr, militante da ALN, participou da cisão em Cuba, que deu origem ao Grupo da Ilha e, mais tarde, ao Molipo; voltou ao Brasil e foi morto em 24 de fevereiro de 1972.

GIANNINI - *Sim.*

DENISE - *O pessoal que veio do movimento estudantil...*

GIANNINI - *Do movimento estudantil, da dissidência do Partido Comunista...*

DENISE - *Classe média, não é?*

GIANNINI - *Classe média. Eu conheci umas dez dessas pessoas. Algumas bastante com as quais eu convivi anos, praticamente. Todas ex-estudantes, intelectuais...*

DENISE - *Esse pessoal foi para Cuba como militante da ALN, não é isso?*

GIANNINI - *É.*

DENISE - *E o racha se deu lá?*

GIANNINI - *Se deu lá...*

Eu não sei direito como é que era [a formação do Grupo dos 28] porque essas informações a gente não tinha. Depois pelas publicações, com o tempo, é que a gente foi tendo informação ou da própria repressão. Eles eram uma fonte, porque eles falavam, a gente ouvia. Desse Grupo dos 28 eles tinham um álbum dos 28 com fotografias desse tamanho, foi um mapeamento completo.

DENISE - *E como é que se deu essa queda? Eles começaram a voltar em 71...*

GIANNINI - *Isso. É um mistério até hoje. Tem versões, mas evidentemente tinha um problema, eu acho, de infiltrações nesse Grupo. Fala-se até do Cabo Anselmo. De alguma forma ele teria contato com esse Grupo, estaria por dentro, colhia as informações, levava essas informações... Mas nunca soube, quer dizer, não há explicações, tem situação que não... eu, pelo menos, não entendo...*

DENISE - *A infiltração seria de alguém entre os 28?*

GIANNINI - *Não, acho que não, tenho impressão que não. Mas eles tinham algum tipo, não sei se infiltração, mas algum tipo de informação... da chegada, as prisões. Às vezes, as quedas se davam de forma inexplicável. Algum tipo de informação... Pode até ser competência da repressão... De alguma forma, já vinha mapeando isso desde o exterior. Agora, não acho que foi uma queda simplesmente de uma prisão provocando a outra, muitas foram, mas, certamente... Foi uma coisa em série e um massacre mesmo. Como aquela morte, que no caso não era do Grupo dos 28, mas que derrubou aqueles quatro ou cinco [refere-se ao massacre da Lapa]. Quer dizer, aquilo não acontece. De repente, o PC do B está aqui e...isso não acontece. A polícia não chega ali se não tiver... Esse Grupo dos 28, praticamente, em um ano foi dizimado... [...] No período posterior, quando se tentou saber, se*

buscar informação com gente que foi presa, com gente que viu... Algumas explicam claramente, outras ficam sem saber. Pode ser falta de informação mesmo, mas eu acho que algum tipo de informação a respeito desse Grupo, especificamente, a repressão possuía, porque caía gente em Goiás, caía gente no Rio, caía gente aqui.

DENISE - Na época, se suspeitou de alguém?

GIANNINI - *Não. Porque a gente nem conhecia, na verdade. Quem estava aqui no Brasil começou a conhecer essas pessoas quando teve algum contato na liberdade, que foi o meu caso. Eles começaram a chegar em 71, fui preso em 72, foi uma prisão de praticamente um ano em que eu convivi com essas pessoas.*

DENISE - Esse pessoal começou a voltar de Cuba e aqui se integrou com as pessoas que também estavam em dissidência com a ALN. Se juntaram e formaram o Molipo, não é isso?

GIANNINI - *Exatamente.*

DENISE - E você estava nessa...

GIANNINI - *Isso, exatamente.*

DENISE - Como é a sua trajetória? Você veio do movimento estudantil? Como é que é?

GIANNINI - *É, vim do movimento estudantil, entrei na ALN, em 1970, estava no cursinho. Fui da ALN até esse período [da volta do Grupo dos 28 de Cuba] e daí foi uma coincidência mesmo. Havia problemas aqui dentro da ALN, em alguns setores da organização. Ficou muito radicalizado e conflitante com o assassinato de um militante, que era o Márcio...³⁰ Era um militante que tinha estado em Cuba, era dirigente da ALN e chegou um determinado momento em que estava se afastando, queria ir para o exterior e estava um pouco em contato com esse setor da ALN, que depois viria a se tornar o Molipo. [...] Já tinha todo um problema político e esse caso foi considerado um assassinato, como realmente foi...*

DENISE - Ele propunha um recuo?

GIANNINI - *Dele pessoalmente. Daí o argumento da direção da ALN, oficial, o documento que saiu é que estava num processo de abandono e que, portanto, estaria muito fragilizado ideologicamente e que, se nessa situação fosse preso, ele teria...*

³⁰ Márcio Leite de Toledo.

Como ele detinha informações importantes, porque ele tinha sido dirigente e também tinha estado em Cuba. Então, como se ele estivesse a caminho de cometer uma traição, então para impedir... Foi o entendimento que se teve. [...] Então isso foi a gota d'água mesmo. Daí coincidiu um pouco com a chegada, acho que foi em 71, no começo de 71 se eu não me engano...

DENISE - O pessoal começou a voltar em princípio de 71.

GIANNINI - *Exatamente. Então daí coincidiu com a chegada dessas primeiras pessoas que já vinham de lá com essa cisão. Também aqui no Brasil, eu pelo menos, desconhecia completamente esse ponto. A gente começou a tomar conhecimento com a chegada deles, que tinham contato com a ALN. [...] Chegou uma hora que [a cisão] se formalizou. Na verdade, esse Grupo já estava rachado, já veio de lá rachado, independentemente do que estava acontecendo aqui. Eles se manteriam, tenho a impressão, até porque já vieram mais ou menos estruturados, organicamente. Daí encontrou aqui uma turma que também estava descontente por todos esses fatores e daí não teve volta. Essa é que foi a história.*

Tenho uma impressão a respeito dessa questão de treinamento... Acho que o fato de as pessoas terem feito esse treinamento em Cuba, elas, pela própria concepção cubana militarista da Revolução, ...têm uma visão muito mais militar da revolução. Essa questão técnica acabava adquirindo um peso no comportamento, na função das pessoas, desproporcional. O fato de você ser uma pessoa que tenha muita facilidade para atirar, muita resistência física, facilidade para viver na selva, enfrentar as dificuldades, isso tudo, é uma condição importante e necessária, absolutamente necessária, para quem se dispõe a entrar numa dessa. Evidentemente, que não vai encontrar moleza. Então, tem que estar preparado física e tecnicamente, saber lidar com arma, bomba, enfim, improvisar situações. E isso acabava sendo alçado como quase uma condição única de atividade. [...] Então, isso acabou se transformando na verdade...

DENISE - Uma supervalorização da ação.

GIANNINI - *Uma supervalorização da ação e da técnica. No Grupo dos 28, a bem da verdade, algumas pessoas que conheci tinham um preparo intelectual. É o caso do Benetazzo, reconhecidamente antes, já, um grande intelectual, um cara estudioso, que sabia. O Lauriberto, o José Arantes, o José Dirceu, enfim! Esse povo aí você percebia que era gente que tinha uma capacidade de*

elaboração maior e isso, realmente, eu sentia como uma diferença nesse Grupo. Então, as pessoas chegavam aqui um pouco, era um pouco o que eu sentia, umas pessoas com a maior vontade, com a maior disposição, com o maior tesão para fazer a revolução.

DENISE - E elas se achavam preparadas?

GIANNINI - *Se achavam preparadas! Se achavam preparadas! Então, eu acho que isso não era questionado: a questão do militar, do preparo de Cuba, esse conceito de Cuba era muito impregnado.*

DENISE - As pessoas não faziam críticas à qualidade do treinamento?

GIANNINI - *Pelo contrário, era supervalorizado! E, no entanto, muitas vezes faltava para essas pessoas o que faltaria para qualquer ser humano comum, que era a vivência aqui. Uma coisa é você passar seis meses numa selva, como eles passavam lá, se ferrando debaixo de chuva, comendo ou não comendo, atravessando rio, se ferrando, se perdendo na selva... mas no treinamento. A outra é você passar um mês aqui clandestino, sendo perseguido, tendo que enfrentar o dia-a-dia da ação... O treinamento é uma coisa, é uma simulação. Outra é você fechar duas avenidas e assaltar dois bancos de uma vez...*

DENISE - A tensão é outra.

GIANNINI - *É evidente. Isso não tem o que substitua, isso é a prática. Mesmo na questão técnica, o que isso te dá? Acho que é uma condição essencial, talvez até mais do que o preparo técnico, que é a condição da estabilidade emocional, psicológica que você precisa ter num determinado momento. Às vezes, você é um péssimo atirador, não sabe nem atirar com uma metralhadora, enfim, armar uma arma. Havia pessoas que não tinham, mas tinham uma vivência aqui de muitos anos ou quase isso e que você percebia como elas se comportavam em determinadas situações... Era só não dar uma arma na mão que podia fazer besteira, porque não sabia lidar muito, mas que tinham toda aquela estrutura, já estavam estruturados dentro do ponto de vista emocional e do auto-controle que uma situação limite dessa exige. Isso você não adquire em treinamento, não há treinamento no mundo que substitua isso. Você não tem essa tensão, esse risco real que você corre no enfrentamento, do combate. [...] Eu não notava esse tipo de preocupação. Então, o fato de ter chegado de Cuba, de ter vindo com essa enorme preparação, que era real mesmo... A impressão é que, na verdade, acabava substituindo, na emoção, na cabeça das pessoas essa realidade aqui, e, muitas vezes, isso*

não era verdade. Teve situações em que se via claramente isso, que aquilo naquele momento não serviu para nada. Isso daí eu acho que está coerente com a concepção militarista mesmo que permeava todas essas organizações, que valorizava mesmo a ação, o enfrentamento, os exemplos cubanos, os exemplos do Vietnã... Eu estou falando isso hoje quase depois de 30 anos, uma distância mais do que segura e com muita facilidade, uma coisa já pensada, elaborada sobre isso. Mas, na época, ninguém questionava, realmente, se era aquilo que tinha que fazer... Seria ótimo se todo mundo pudesse ter estado em Cuba e acho que foi uma armadilha, na verdade: não resolveu o problema, porque o problema não se reduzia a isso, a um aspecto, preparar é um aspecto, mas faltava... Na verdade, não por culpa deles ou responsabilidade deles, mas acabou sendo uma sentença de morte. Então, a partir de um certo momento não importava.

DENISE - O racha com a ALN veio muito em função da crítica da ausência de um movimento de massas, não é isso?

GIANNINI - *A base teórica, vamos dizer assim, a fundamentação que...*

DENISE - (interrompendo) ...que se propunha um recuo para se fazer um trabalho de massa, tentar se fazer um trabalho de massas, não é?

GIANNINI - *Isso, exatamente. Agora...*

DENISE - (interrompendo) ...isso não levava a um questionamento da própria teoria do foco?

GIANNINI - *Não, não levava porque era... Na verdade, o entendimento que tenho hoje, é que essa necessidade de uma ligação nossa era mais como uma sustentação, de você não perder o vínculo, de você não se isolar, até para não ficar vulnerável.*

DENISE - Como a ALN tinha feito.

GIANNINI - *Como a ALN tinha feito. Então, o movimento de massas não era pensado como um recuo em relação ao que se fazia, à ação militar. Isso nunca foi questionado por ninguém, nem por eles que estavam chegando nem por nós que estávamos aqui. Era uma idéia de que, na verdade, não se podia ficar restrito só a isso como já vinha acontecendo com a ALN. Agora o que ninguém estava percebendo era que também não era simplesmente uma opção da ALN ou da VPR.. Era que não tinha opção! Era o cerco que estava se fechando, então, uma prática de sobrevivência. O movimento de massa não passou de uma intenção, uma boa intenção, mas não passou disso.*

DENISE - Por isso é que alguns do Grupo dos 28 foram para Goiás?

GIANNINI - *É, foi uma tentativa de ir para o campo, de ir para Goiás. Mas, em nenhum momento, teve fôlego para fazer isso. Sempre tentando se organizar, se estruturar e criar condições materiais mínimas... Mas, aí começaram as prisões, as mortes.*

DENISE - O tempo foi curto.

GIANNINI - *Curtíssimo.*

DENISE - Até cair todo mundo foi...

GIANNINI - *(interrompendo) Eles começaram a chegar aqui... Acho que a primeira pessoa a chegar aqui foi em finzinho de 70, se eu não me engano, ou no começo de 71. Até o meio de 72, até o segundo semestre de 72, acho que, praticamente, todos estavam mortos ou estavam fugidos, desestruturados completamente. O grupo foi chegando também aos poucos, naturalmente. Teve o caso do José Arantes. Morreu num aparelho esperando chegarem os documentos. Não podia sair porque não tinha documentação básica. Nem acabou de chegar... Por isso que digo que tem muita coisa aí que a gente tem que ver.*

DENISE³¹ - Cuba dava dinheiro para fazer a guerrilha no campo? O apoio de Cuba se restringia ao treinamento ou tinha...

GIANNINI - *(interrompendo) ...que eu saiba não, eu acho que era só isso. Os caras vinham duros, chegavam aqui não tinham um...*

DENISE - Porque sair da cidade para ir para o campo também significava ter dinheiro para parar com as ações de sobrevivência.

GIANNINI - *Mas acho que não era parar, não era colocado como abandonar a cidade. Era deixar de priorizar, de não ficar só na cidade, de tentar... Mas aqui teria que ser mantida uma estrutura até para financiar isso. Eu acho que essas pessoas que foram para o campo, foram sem nenhum tipo de ajuda.*

DENISE - Não havia dinheiro, armas, de Cuba, nada disso?

GIANNINI - *Eu acho que vinha tudo daqui. Um documento, um passaporte, acho que de um país da América Central, se eu não me engano, dinheiro para viajar, um dinheirinho para sobreviver e um contato como localizar as pessoas. E aí depois a gente tinha que correr*

³¹ A partir daqui: GIANNINI, J. C. José Carlos Giannini: depoimento [13 jun. 2000]. Entrevistador: Denise Rollemberg. São Paulo, 2000. Fita 1, lado B. Entrevista concedida ao Projeto de Pesquisa O Apoio de Cuba à Luta Armada no Brasil: o treinamento guerrilheiro.

atrás. Você entrar numa coisa de cada vez mais precisar de recursos. Não era só dinheiro, era documento, eram condições, era uma casa, precisar de uma casa, enfim! [...]

DENISE - Vocês tinham que se bancar.

GIANNINI - *Ah, sim! Quando havia condições, se bancava através das ações. Bancar todo mundo custava caro: bancar 20, 30, 50 pessoas morando, comendo, viajando, clandestinas. No final, as ações eram mais ações de sobrevivência do que ações políticas. Ainda em 71, 70, ainda se faziam ações com cunho plenamente político. Esse final já era para sobreviver mesmo.*

ENTREVISTA COM CARLOS EUGÊNIO SARMENTO COELHO DA PAZ³²

CARLOS EUGÊNIO SARMENTO COELHO DA PAZ - *A teoria do foco guerrilheiro acabou influenciando algumas organizações. A ALN não. Nós nunca nos consideramos uma organização foquista, nós nunca tivemos uma visão foquista. O Marighella, para começar, tinha uma formação comunista de longa data, conhecia a União Soviética, esteve na China...*

DENISE - Mas, em todo o caso, tinha a perspectiva de que o treinamento guerrilheiro lá em Cuba iria...

CARLOS EUGÊNIO - *(interrompendo) ...ajudar.*

DENISE - Iria ajudar a preparar as pessoas para...

CARLOS EUGÊNIO - *(interrompendo) Aí foi um erro nosso, quer dizer, eu acho assim...*

CARLOS EUGÊNIO - O Marighella mesmo mandava as pessoas para lá. [...] Como é que o Marighella via esse apoio de Cuba à ALN?

CARLOS EUGÊNIO - *Ele achava que era um apoio que a gente tinha que usar.*

³² PAZ, C. E. S. C. da. Carlos Eugênio Sarmiento Coêlho da Paz: depoimento [19 jul. 2000]. Entrevistadora: Denise Rollemberg. Rio de Janeiro, 2000. Fita 2, lado A. Entrevista concedida ao Projeto de Pesquisa O Apoio de Cuba à Luta Armada no Brasil: o treinamento guerrilheiro. (Carlos Eugênio foi militante e dirigente da ALN; deixou o país em março de 1973, sem nunca ter sido preso.)

DENISE³³ - [...] O episódio do Comandante Raul foi quando o Marighella tinha morrido?

CARLOS EUGÊNIO - *Exatamente.*[...]

Foi quando o Toledo chega em Cuba, depois da morte do Marighella. O Toledo chega em Cuba... As tentativas de ingerência na época do Marighella nem eram tão graves, passaram a ser graves na época do Toledo. Toledo chega em Cuba enfraquecido, porque chega depois da morte do Marighella, que morre em novembro. Ele está na Europa, voltando para o Brasil. Vai para Cuba, exatamente, para reunir com os companheiros em Cuba e montar um plano de volta desses companheiros para o Brasil...

Quando o Marighella morreu, em 4 de novembro, ele [Toledo] tinha recém saído, acho que ele saiu em outubro, o seqüestro foi em setembro e ele saiu por outubro, então foi num curto espaço de tempo. O Toledo vai a Cuba até para também renegociar esse apoio dos cubanos à ALN. Porque a ALN tinha uma relação preferencial com os cubanos e o Toledo vai enfraquecido. [...] Os cubanos vestiram-no de militar e levaram-no a um acampamento para ele encontrar com os companheiros do curso. Chega lá, a forma dos cubanos, aquela coisa do cerimonial do partido no poder, um partido socialista e chega lá e começa a indicar vários companheiros: "Olha, esse aqui pode ser um bom combatente, esse aqui pode ser outra coisa." E começa a negociar e o Toledo deu uma certa fraquejada. Primeiro porque ele estava enfraquecido com a morte do Marighella.

DENISE - Isso eles não faziam com o Marighella?

CARLOS EUGÊNIO - *Não faziam porque o Marighella... As personalidades dos dois já eram muito diferentes, eram personalidades, completamente diferentes. Todas as duas fascinantes, todos os dois eram homens absolutamente fascinantes, mas com personalidades completamente diferentes. Marighella era um irreverente. [...] Também tinha uma estatura de liderança muito grande. O Marighella era um cara que a própria direita reconhecia, tanto que foi declarado inimigo público número um,*

³³ A partir daqui: PAZ, C. E. S. C. da. Carlos Eugênio Sarmiento Coêlho da Paz: depoimento [19 jul. 2000]. Entrevistadora: Denise Rollemberg. Rio de Janeiro, 2000. Fita 2, lado B. Entrevista concedida ao Projeto de Pesquisa O Apoio de Cuba à Luta Armada no Brasil: o treinamento guerrilheiro.

capa da Veja: Inimigo Público Número Um. Não é à toa. Tinha muita gente conhecida naquela época e quem foi declarado inimigo público número um é ele. Sabiam que o grande inimigo para o sistema político econômico brasileiro, quer dizer, para o poder de direita no Brasil, que estava nas mãos dos militares, era ele, pela personalidade, pela capacidade de liderança, pela liderança real. Porque, às vezes, tem capacidade de liderança, mas você não tem seguidores suficientes. Ele tinha seguidores suficientes. E pela visão política e estratégica, porque ele, realmente, tinha uma visão e uma proposta alternativa de poder, como se criar uma alternativa de poder no poder, ele tinha isso na cabeça. Isso o Toledo tinha também, só que ele tinha uma visão diferente, a meu ver, mais esquerdista do que a do Marighella. O Marighella pregava uma luta de muito maior alcance... Ele falava sempre para gente: "Vocês estão pensando que já começou a guerra? Isto aqui é o início da preparação do que um dia vai ser uma guerra." Ele sempre dizia isso para a gente... Isso eu ouvi desde que... eu ouvi muitas vezes e ele vivia repetindo isso. Por isso que ele foi contra as tentativas latino-americanas... Ele dizia: "Não tem sentido político, a gente vai dar um passo maior do que a gente pode dar. Em vez disso, vamos preparar o lançamento de uma coluna guerrilheira no campo. Aí a gente vai fazer uma ação de grande impacto, de propaganda, só que qual o ganho que isso vai ter? A gente não vai ter como aproveitar esse impacto porque a gente ainda não tem uma coluna guerrilheira no campo, que seria uma forma inclusive de você poder recuar os seus quadros das grandes cidades para você preservá-los no campo. Segunda coisa: nós vamos alertar o imperialismo sob uma força que nós temos, nós vamos atrair uma repressão". E foi a verdade. O Charles Elbrick foi em setembro, ele [Marighella] morre em novembro, o MR-8 entra praticamente todo na clandestinidade, a metade cai, a metade vai para clandestinidade. A ALN de São Paulo... Os ideais são todos destruídos a partir disso aí e ainda respinga no Rio com a queda do Domingos³⁴, do Aton Filho³⁵, com a queda desse pessoal que já foi gente de São Paulo que foi presa, e um suíço que abriu um aparelho nosso e caiu o pessoal, respingou até no Rio. Quer

³⁴ Domingos Fernandes.

³⁵ Aton Filho, militante da ALN.

dizer, o Marighella tinha essa visão. Agora, ele tinha uma estatura, uma irreverência, um comportamento tal que aquilo já quebrava os cubanos e ele enfrentava mesmo. Quando ele já sentia que podia ter algum cheiro de algum tipo de tentativa até de ganhá-lo para a linha política dos cubanos, o Marighella: “Qual é?”

DENISE - *Você acha que foi isso o que aconteceu com o Molipo?*

CARLOS EUGÊNIO - *O Molipo foi isso agravado. O Toledo chega em primeiro lugar numa posição enfraquecida, porque estava vindo prestar contas da queda do Marighella e da destruição de uma boa parte da organização. O nosso poder de fogo, em São Paulo, praticamente todo. O Toledo não tinha... era um homem mais dado a acordos, a conversas. Não tinha esses rompantes do Marighella de chegar, bancar e dizer: “Olha, não vai se meter não, pronto e acabou. Ou dá o curso como a gente quer e dá o que a gente quer sem compromissos... não tem o direito... não tem o que falar”. O Toledo já foi um pouco mais tímido nisso. Eu até crítico isso no livro³⁶ e com o maior respeito porque uma das pessoas que mais admiro no mundo é o Toledo.*

DENISE - *E por que o Toledo apoiou o seqüestro do embaixador americano?*

CARLOS EUGÊNIO - *É porque o Toledo tinha uma idéia, uma posição mais esquerdista realmente. Eu acho que o Toledo achava o seguinte... Eu me lembro uma vez que o Toledo chegou com a proposta de a gente explodir as torres de luz de São Paulo e a metade da cidade de São Paulo ia ficar sem luz. Naquela época, isso ia ter um sentido... quando a gente tivesse um exército guerrilheiro para capitalizar isso aí... Naquela época seria apenas mais uma ação que iria provocar mais do que a gente podia agüentar. O Toledo achava que a propaganda armada tinha um poder que eu acho que, na verdade, não tinha, é uma visão quase hoje em dia de marketing.*

DENISE - *E o Marighella não achava nada disso?*

CARLOS EUGÊNIO - *Nada disso. O Marighella achava que nós tínhamos que nos preparar mais lentamente. O Marighella era contra que nós disséssemos que as ações eram para revolução. A gente assaltava o banco, pegava o dinheiro e pronto, ia construindo a infra-estrutura. A gente não assinava a ação. Quem começou a*

³⁶ Refere-se a seu livro de memórias: PAZ, C. E. da. *Viagem à luta armada: memórias romanceadas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

assinar ação foi o Colina, em Belo Horizonte, os Comandos de Libertação Nacional. A partir daí, os caras descobriram e, tudo bem, vamos assinar também. Mas, no começo, nós não assinávamos as ações. A visão do Marighella de fazer aquelas ações todas, era de construir uma infra-estrutura na cidade e no campo, levar a guerra até o campo, levar a guerrilha até o campo e, a partir daí, lentamente, ir construindo uma potência de fogo que pudesse um dia ser uma alternativa de poder. Essa era a visão marighellista. Já o Toledo achava, por exemplo... Claro que foi muito lindo, quando saiu um manifesto tão lindo como aquele que o Franklin Martins escreveu e que o Toledo deu lá umas dicas e arrumou uma ou outra frase, que o Gabeira mentiu dizendo que era dele com a ajuda do Ziraldo, mas, na verdade, em que a gente capitalizou? Foi lido na televisão, apareceu e tudo isso, mas qual o grau de organização que nós já tínhamos para partir daquilo ali e conscientizar pessoas novas? Não tínhamos ainda.

DENISE - E a repressão veio pesada.

CARLOS EUGÊNIO - *E a repressão veio pesada, veio pesada.*

DENISE - E o Marighella acaba morrendo nisso.

CARLOS EUGÊNIO - *O Marighella morre, uma boa parte da organização destruída e aí vai. E quando o Toledo volta, foi aí que eu conheci o Toledo, porque eu não o conhecia antes, quando o Toledo volta colocando: "Olha, reencontrei os companheiros..." Eu, imediatamente, aceitei o Toledo como meu dirigente. Eu sabia quem ele era, não o conhecia pessoalmente, mas tinha o maior respeito por ele. Isso, eu tinha 19 anos de idade, não ia ser eu que ia peitar o Toledo. O Toledo já tinha uma experiência de quantos anos de luta? Então, e era um cara que tinha um preparo político imenso, tinha uma linha política equivocada, eu acho que a linha política do Marighella era a melhor linha política, o melhor plano era o dele.*

DENISE - E, na época, você tinha essa avaliação?

CARLOS EUGÊNIO - *Eu era marighellista, completamente marighellista.*

DENISE - Mas você achava que o Toledo estava equivocado?

CARLOS EUGÊNIO - *Quando o Marighella diz que era contra o seqüestro do embaixador americano, eu também fui contra. Logicamente, que eu não tinha a capacidade de análise que eu tenho hoje com 50 anos. Eu já vivi, já vi, já refleti, já li, já reli, vi e já conheci a metodologia cubana, já conheci a metodologia soviética, já conheci a metodologia chinesa... Eu era uma pessoa marighellista. Não*

entrei no Partido Comunista e saí. Entrei na ALN e depois o Marighella pediu para entrar no Partido Comunista para travar a luta política. Eu era marighellista, eu entrei na esquerda dentro de uma visão marighellista... eu era socialista, queria o socialismo, queria o comunismo [...] mas quem eu reconhecia como liderança, a pessoa que eu dizia assim: "É esse cara que eu vou seguir", foi o Marighella, sempre foi. [...] Mas até por instinto, na época, eu falei que era bobagem seqüestrar o embaixador americano. Eu senti o que muitos amigos aqui no Rio sentiram: Vem uma cacetada muito grande que a gente pode não agüentar. Vários companheiros sentiram isso. Agora, que nós também nos sentimos muito felizes ao ver aquilo tudo na televisão foi... E eu nem acompanhei nada disso. Eu só soube depois. Eu estava no Forte de Copacabana de prontidão com a arma na mão esperando a hora em que a gente ia atacar os guerrilheiros. Estava de prontidão porque o Forte de Copacabana, na época, era encarregado da segurança na Zona Sul. Por exemplo, se fosse ter uma intervenção qualquer do exército, o Forte de Copacabana era o encarregado de tomar a Zona Sul. Por isso que o meu treinamento lá foi muito bom, que muitas unidades por aí não tinham.

DENISE - Essa história de você fazer o treinamento no próprio exército é uma história incrível.

CARLOS EUGÊNIO - *Meio esquizofrênica. Aliás, quando eu comecei a escrever o Viagem à Luta Armada, o primeiro nome dele, que eu retirei devido aos protestos de vários amigos meus, foi Esquizofrenia. Para mim, era uma realidade meio esquizofrênica: durante o dia, seguia o exército e durante a noite, eu seguia o outro; quando estava de folga em um estava de serviço em outro. Era uma coisa muito louca, era muito engraçado até.*

DENISE - Os caras devem ter ficado furiosos.

CARLOS EUGÊNIO - *O ódio todos deles por mim começa daí, vem daí porque para o militar... É um negócio muito engraçado porque eu era o único soldado que estava levando realmente a sério, o resto estava ali com raiva... Aqueles percevejos de quartel que estavam ali para comer e dormir e namorar as empregadas do Posto Seis. Ou era o pessoal que estava ali putado da vida porque, ao invés de estar fazendo o cursinho pré-vestibular, estava servindo o exército, ao invés de trabalhar. Mas, no meu caso não, eu estava fazendo a sério mesmo, era tarefa. O Marighella falou: "Vai lá, cara, treina mesmo". E era um negócio gozado que não era só treinar, que*

era uma coisa que ele insistia muito, muito. O Marighella era um cara muito sacador, muito inteligente, não era só dar tiro: “Você tem que compreender o raciocínio do militar, você tem que compreender como é que pensa o militar, porque você vai precisar disso”. Então, realmente, ficava ali o tempo todo observando, ficava ali e treinava, realmente, com a maior seriedade mesmo e fui da equipe de tiro, campeão de tiro...

DENISE - Recebeu medalha...

CARLOS EUGÊNIO - *Recebi medalha, fui o “soldado do Forte de Copacabana”.* Mas por isso, porque eu estava levando a sério mesmo. Então, era uma situação muito engraçada, porque tinha um capitão, o capitão Penteado que eu nem falei nos livros dele. Até porque é uma pessoa pela qual eu tinha até um certo carinho, porque era uma pessoa que no meio daquela... Quando eu voltei lá para receber o meu certificado... tem um amigo que foi comigo, tipo “leva um amigo como garantia”. Ele ficou até espantado, porque os sargentos me abraçavam, queriam que eu voltasse para o time de futebol de salão do quartel e, entre os soldados, havia vários soldados com os quais eu fiz amigos, amizades normais que a gente faz na vida. Aliás, uma das coisas que eu fiquei mais feliz quando eu lancei o “Viagem à Luta Armada” foi que um dos soldados que eu conto ali no treinamento, o Davidson, apareceu no lançamento do meu livro. Superfeliz, foi um reencontro maravilhoso. [...]

Mas voltando ao assunto do Marighella e do Toledo. O Toledo volta. [...] Apesar de o Marighella não ser um centralizador, Marighella não era centralizador era “horizontalizador”, a ALN era uma organização horizontal. Tanto que, quando o Toledo quis fazer o seqüestro do embaixador americano, junto com o MR-8, se o Marighella quisesse bancar e dizer “não faz”, ninguém fazia. Mas ele falou: “Se vocês acham que é a melhor coisa, então, façam. Eu não sou o dono da verdade. Depois a gente analisa, de repente vocês têm razão”. Era essa uma das genialidades do Marighella: ele desenvolvia a iniciativa das pessoas. Eu me sentia o dono da organização e todos os companheiros sentiam, porque a iniciativa era estimulada: “não precisamos pedir licença a ninguém para praticar atos revolucionários”. Isso aí é uma coisa genial e isso é que fez com que a ALN tenha sido uma organização diferenciada. [...] Então, apesar de não ser centralizador, ele era, realmente, uma liderança de fato. Então, ficou aquele vazio: “E agora? O que a gente faz?” [...] Quando eu conheço o Toledo,

digo: “É esse cara. Vou dedicar minhas armas a esse cara, vou atrás dele”.

DENISE - *E a ALN muda completamente...*

CARLOS EUGÊNIO - *A ALN muda completamente, porque ele impinge a marca dele, ele centraliza a organização, ele não era um cara tão descentralizador quanto o Marighella, ele centraliza...*

DENISE - *E aí se perde a perspectiva da luta mais longa?*

CARLOS EUGÊNIO - *Se perde a perspectiva da luta mais longa. Ele volta mantendo uma das questões básicas que era o lançamento da guerrilha rural. Ele acerta a volta do pessoal do chamado II Exército da ALN. O pessoal começa a voltar em 70, porque o plano era tentar, no final do ano de 70, lançar uma coluna guerrilheira na chamada, que a gente chamava, região estratégica que era o centro-norte do Pará e do centro sul do Pará ao centro norte de Goiás. O centro-oeste e a floresta amazônica [ficariam] mais como zona de recuo. Esse era o nosso plano. [...] E aí centraliza-se a organização, forma uma coordenação nacional e me chama para fazer parte dessa coordenação nacional. Me dá a tarefa de remontar o trabalho armado todo da ALN em São Paulo. Cumpri a tarefa, fui lá e remontamos todo o poderio de fogo nosso. Voltamos a fazer aquelas ações determinadas e eram várias por semana, bancos, supermercados... Para conseguir dinheiro, armas, muito dinheiro para trazer essas pessoas, porque uma das coisas que a gente sempre fez questão com os cubanos é que eles entregassem o militante que saísse de lá na Europa e, num determinado momento, no Chile. Só que a gente evitava esse negócio do Chile, porque a gente já queria chegar no Chile com um esquema nosso. Chegou na Europa, dali a gente cuidava e trazia os caras para cá. Isso tudo com o dinheiro nosso e o esquema nosso. Nunca foi com o esquema cubano.*

DENISE - *Da Europa para cá era com o dinheiro da ALN?*

CARLOS EUGÊNIO - *Saía de Cuba, eles deixavam a gente, geralmente, na Itália ou França. Muito a Itália, porque na Itália, nós tínhamos um apoio muito importante que era o Partido Comunista Italiano. Havia toda uma ala lá do Partido Comunista Italiano que tinha contato com a ALN, apoiava a ALN. Então, nós tínhamos uma boa margem de contato também na Itália. Isso é uma coisa pouco conhecida, mas tinha essa ajuda importante do Partido Comunista Italiano.*

DENISE - *Eu achava que era através da embaixada cubana que as pessoas iam para a Itália.*

CARLOS EUGÊNIO - *Não, não, não, a gente nem queria saber de contato com a embaixada cubana fora de Cuba. Nada, nada, o que a gente se valia ali era do apoio de companheiros do Partido Comunista Italiano. Havia, inclusive, companheiros que tinham dupla militância, que eram de outros também. E depois, também com alguns exilados nossos que começaram a chegar, montaram redes de apoio para a gente nesses países. De lá para cá, éramos nós que bancávamos tudo, porque nós não queríamos... porque tinha uma distorção nisso tudo que era o seguinte: o Marighella sacava muito bem e o Toledo também sacou. Ele fez algumas concessões como aceitar... esse negócio, por exemplo, do comandante Raul. [...]*

DENISE - *Por que os cubanos fizeram deste militante o comandante?*

CARLOS EUGÊNIO - *Aí é que entra o nível de ingerência que os cubanos começam a ter nesse momento. Porque ele concordava com a linha política dos cubanos e os cubanos sabiam que ia chegar aqui e fazer a linha política deles. Os cubanos começaram a recrutar companheiros da ALN para prestar informações sobre a organização. Na prática, os cubanos infiltravam a organização. Sabiam que era um cara que ia fazer a política deles, é evidente.³⁷ [...]*

O grave era os cubanos tentarem definir quem ia ser um dirigente nosso e, principalmente, tentar definir isso a partir da cooptação de pessoas que eles sabiam que iam defender a política deles dentro da organização. Isso é um nível de ingerência que a gente nunca aceitou. [...] Havia várias maneiras de se fazer a mesma coisa: tem gente que eles, simplesmente, influenciavam politicamente, dando um status dentro da organização em Cuba. Para você ter uma idéia, quando cheguei em Cuba, havia companheiro em que você contava as costelas e havia companheiro lá gordo, morando nos melhores hotéis, na Praça da Revolução, convidados para recepções oficiais de embaixadores dos países socialistas. E havia companheiros desprestigiados. O caminhão que trazia comida e tinha que passar toda semana, passava de

³⁷ A partir daqui: PAZ, C. E. S. C. da. Carlos Eugênio Sarmiento Coêlho da Paz: depoimento [19 jul. 2000]. Entrevistadora: Denise Rollemberg. Rio de Janeiro, 2000. Fita 3, lado A. Entrevista concedida ao Projeto de Pesquisa O Apoio de Cuba à Luta Armada no Brasil: o treinamento guerrilheiro.

três em três semanas. E havia companheiros que passavam fome, companheiros isolados, politicamente. Teve companheiro que foi preso, por exemplo, quando da volta do Molipo. [...] É uma barra muito pesada. Mas teve, por exemplo, um companheiro nosso que fez uma última tentativa, quando ele conseguiu saber que naquele dia estava saindo a primeira turma do Molipo que vinha para o Brasil, ele tentou chegar à casa onde os caras estavam para tentar fazer uma última tentativa de demovê-los de fazer aquela aventura. Os cubanos, simplesmente, prenderam-no até o momento em que os caras saíram de Cuba. Os cubanos chegaram a nesse nível de gravidade. Esse cara era da ALN, Argonauta Pacheco³⁸. Foi preso quando estava saindo de casa para tentar demover esses companheiros. O companheiro Takao Amano³⁹ estava no Chile. Eles retardaram a ida dele para Cuba, quando já estava há um tempão para ir para Cuba. Querendo ir, inclusive, para tentar demover os companheiros do Molipo dessa volta. Ele havia recebido uma carta do Fleuryzinho, o Carlos Eduardo Pires Fleury, que é um companheiro pelo qual eu tenho o maior respeito, que eu tenho a maior pena de ter morrido, um sacrifício inútil realmente, um absurdo, um grande companheiro. Ele era muito amigo do Takao Amano. Mandou uma carta para ele e ele percebe que o cara estava embarcando naquela e tenta... fica tentando ir, tentando ir e os cubanos ficam segurando-o até que o Molipo inteiro saiu de Cuba. Aí eles deixaram-no ir para Cuba para o cara não influenciar politicamente. Então, tinha um tipo de companheiro que eles ganhavam nessa base: “Fulano, você é o embaixador da revolução brasileira aqui”. Enaltece o cara, aumenta a auto-estima, o ego, bota o cara para participar de recepções oficiais, bota o cara num palanque ao lado do Fidel, a hora em que quiser tem um telefone e vai conversar com o comandante Piñeiro⁴⁰, esse tipo de chantagem...

DENISE - Sedução...

³⁸ Argonauta Pacheco, militante da ALN, trocado pelo embaixador americano Charles Burke Elbrick, em setembro de 1969 com outros 14 presos políticos.

³⁹ Takao Amano, militante da ALN, trocado pelo embaixador suíço Giovanni Enrico Bucher em janeiro de 1971 com outros 69 presos políticos.

⁴⁰ Manuel Piñeiro, chefe do serviço de segurança e inteligência do Ministério do Interior cubano, principal articulador do treinamento guerrilheiro de estrangeiros.

CARLOS EUGÊNIO - *Sedução chantagista. Chantagem através do poder.*

Teve companheiros que eles ganharam para ser agente da G2.⁴¹ Vamos falar mesmo com todas as letras, agentes mesmo da G2. Essa era a grande deturpação que existia nos contatos dos cubanos com as organizações revolucionárias: os cubanos não tinham contato através do Partido Comunista Cubano, de quadros políticos. Os contatos eram através da G2, portanto, através de agentes secretos formados pela KGB⁴², no espírito da KGB. Um agente secreto é um agente secreto, pode pintar de verde, de vermelho, de amarelo, de azul, vermelho e branco, a cor que tenha, agente secreto é mentalidade, é uma metodologia de vida, uma metodologia de ação. Então, nós tínhamos um medo danado. Um serviço secreto necessita de um agente duplo. Não é que ele tolere ou que seja ruim não, é necessário, o agente duplo. [...] Uma das matérias do meu próprio curso em Cuba [curso de estado-maior que fez em Cuba, em 1973] era informação e contra-informação, ou seja, aprender a montar um serviço secreto. O meu instrutor dizia na maior cara de pau: "Nós precisamos do agente duplo". É através do agente duplo que você tem o meio de fazer chegar a sua desinformação e a sua informação. O agente duplo só é ruim se você não descobre que ele é duplo. Quando você sabe que ele é duplo, você não o pune nem nada. Você começa a alimentá-lo de informações misturadas, uma parte verdadeira para a fonte ter credibilidade. No meio disso tudo, você vai passando a sua desinformação, a sua contra-informação. Só que numa organização revolucionária a coisa é diferente: uma organização revolucionária, clandestina. E numa guerra aberta é o contrário. Você não pode ter agente duplo nem de um partido socialista no poder. Porque um agente de um serviço secreto num estado qualquer está fazendo a política do estado e a política daquele estado não é a política de sua organização. [...] Então, esse tipo de ingerência, quando a política de estado passa a predominar sobre a política interna dos países, é sempre prejudicial. Os cubanos tentaram isso conosco o tempo todo,

⁴¹ Na estrutura do Estado cubano, o G2 conjuga atividades de serviço de informação e contra-informação e de polícia política.

⁴² Na estrutura do Estado soviético, a KGB [Comitê de Segurança do Estado] conjuga atividades de serviço de informação e contra-informação e de polícia política.

tentaram influenciar e, quando não conseguiram, aí é que a gente vai entrar no capítulo que vai...

DENISE - Eles conseguiram, de certa forma, com o Molipo?

CARLOS EUGÊNIO - *Eles provocam o racha da ALN por não conseguir, mesmo depois da morte do Toledo. Morreu o Toledo, mas sobrou um monte de marighellistas como eu, Iuri, Luís José da Cunha, Paulo de Tarso Celestino⁴³, o pessoal que assume a coordenação nacional que o Toledo tinha criado. Sempre fomos marighellistas a ponto de dizer: “Nós temos a nossa linha política e ninguém vai meter a colher aqui”. Ao perceber que a organização era impermeável a esse tipo de coisa, eles pegaram alguns companheiros que faziam parte do chamado III Exército que estava em Cuba e começaram a influenciar politicamente. Conseguem ganhar para uma volta aventureira para o Brasil, num nível, acho que mais grave, por exemplo, do que, simplesmente, ganhar um cara politicamente, porque houve uma subversão dos poderes de nossa organização. Havia um acordo firmado entre nós e os cubanos, a volta dos companheiros era dirigida pela organização nacional. Isso tinha sido desde o começo... Eles passam por cima disso, ganham os companheiros para voltar, convencem os caras, ainda por cima, a voltarem no esquema deles que era furado. Teve gente do Molipo que, quando chegou aqui e foi preso, foram mostradas fotos deles em Cuba treinando. [...]*

Quem passou a maioria das informações desse pessoal foi o Cabo Anselmo. [...] Foram duas grandes fontes: uma fonte foi um agente cubano que desertou, que era da embaixada cubana na Tchecoslováquia. Desertou, esse cara era da G2, tinha tido contato com o treinamento de brasileiros; e o Cabo Anselmo.

DENISE - Você acha que pode ter sido alguém do Grupo dos 28?

CARLOS EUGÊNIO - *Eu acho difícil, eu considero difícil, realmente, difícil.*

DENISE - O Anselmo convivia com esse pessoal?

CARLOS EUGÊNIO - *O Anselmo, quando ele volta para o Brasil... Os cubanos tinham essas coisas... Ele volta eleito pelos cubanos como o grande contato deles aqui. E o Anselmo foi um dos encarregados de fazer essa rota de volta para os cubanos. Alguns agentes cubanos estiveram aqui. O Anselmo ficou com esse contato privilegiado com os cubanos que, de repente, descobriram que o Anselmo*

⁴³ Paulo de Tarso Celestino da Silva, militante da ALN, morto em julho de 1971.

poderia ser o grande líder da revolução brasileira. Então, deram toda a força ao Anselmo e a volta do Molipo, como estava toda sendo organizada pelos cubanos, passou toda nas mãos do Cabo Anselmo. Isso é real. E esse cara cubano que desertou. Acho que as coisas como essas fotos do treinamento do pessoal foi esse cara que, na verdade, já era um agente duplo, só que era um agente duplo escondido. Quando ele foi descoberto, quer dizer, quando ele sacou que foi descoberto pelos cubanos, como ele era ligado com esse negócio de treinamento latino-americano, ele sabia que ali interessava aos cubanos manterem aquela duplicidade, desertou e passou as informações todas para a CIA. E, na volta, tem essa história do Anselmo. Entre os 28, dos que morreram, nenhum devia ser infiltrado.

DENISE - Tem um pessoal “desaparecido”, não é? Há pessoas que falam que alguns destes “desaparecidos” teriam sido vistos em São Paulo... [...]

CARLOS EUGÊNIO - *Ser preso ao voltar e fazer acordo, como fez um acordo o cara que entregou o Toledo? Algumas dessas pessoas que voltaram, por exemplo, no Molipo, podem ter feitos acordos, mas acordos aqui. Como é que o cara foi ser contatado lá em Cuba? A polícia brasileira não tinha entrada ali não. [...]*
Anselmo, inclusive, depois que ele voltou e foi preso, ele saiu e voltou em Cuba de novo. Um dos grandes problemas nossos com os cubanos foi que denunciemos que o Anselmo estava colaborando. Eu tinha tido um tiroteio com o Anselmo, tinha visto o Anselmo, mandei bala nele. Ele chegou com o Fleury⁴⁴ no ponto. E os cubanos continuaram recebendo o Anselmo, que ia ao Chile, a Cuba.

ENTREVISTA COM ARTHUR MACHADO SCAVONE⁴⁵

⁴⁴ Delegado Sérgio Paranhos Fleury, chefe do Departamento Estadual de Ordem Política e Social de São Paulo (Deops).

⁴⁵ SCAVONE, A. M. Arthur Machado Scavone: depoimento [5 jul. 2000]. Entrevistador: Denise Rollemberg. São Paulo, 2000. Fita 1, lado A. Entrevista concedida ao Projeto de Pesquisa O Apoio de Cuba à Luta Armada no Brasil: o treinamento guerrilheiro. (Scavone militou na ALN e aderiu, no Brasil, à cisão que deu origem ao Molipo. Foi preso em 24 de fevereiro de 1972 e libertado em março de 1977.)

ARTHUR MACHADO SCAVONE - *Eu me lembro que o pessoal dos 28 comentava que o processo [de cisão] começou com uma divergência em Cuba. O que nós tínhamos de informação, que casava com o nosso interesse aqui, é que eles discordavam da forma de ação da ALN. Nessa época, o movimento guerrilheiro já vivia um descenso. [...] Nós que formamos o Molipo, Movimento de Libertação Popular, a idéia, sem muita base teórica, sem muita discussão, é que o movimento guerrilheiro precisava ter raízes em bases populares organizadas, estruturadas. Havia uma tensão muito forte na ALN... O movimento militar, a ação armada, organizada, todo mundo em armas, reviravolta, ressurreição e tomada do poder, uma coisa quase mecânica. Então, o Molipo surge, entre nós, pelo menos aqui no Brasil já, eu creio que antes da vinda dos 28, com uma preocupação de que se precisava recuperar as bases populares estruturadas.*

DENISE - *E quem liderava essa divergência na ALN, aqui no Brasil?*

ARTHUR - *Os contatos eram muito segmentados. Quem tinha, digamos, um papel destacado no nosso lado era o Torigo⁴⁶, um nissei, que, se eu não me engano, era da medicina, e ele era um que fazia essa junção junto com a Sílvia Peroba.⁴⁷ [...] Então a idéia era ter grupos estudantis, reestruturar núcleos estudantis, fazer a ação armada, mas garantindo uma estrutura, uma base de massa.*

DENISE - *Essa discussão teve a ver com a morte do Márcio Leite de Toledo?*

ARTHUR - *Não chegou para mim assim, não sei se não teve, não estou falando como historiador, estou falando como quem participou e com o que eu tenho de memória disso. Então, acho que não. O que havia era que, concretamente, o movimento guerrilheiro estava perdendo forças. O Marighella tinha ido, o Toledo tinha ido. Havia uma seqüência de derrocadas, de derrubadas e o movimento estava se reduzindo à própria subsistência e não à expansão. Essa era a discussão. [...] Veio um contato dizendo: "Olha, tem um pessoal voltando de Cuba e eles discordam dessa linha de ação". Foi feito um contato, uma discussão com eles, de que era preciso incentivar grupos estudantis, outros grupos*

⁴⁶ Hiroaki Torigo, militante da ALN que aderiu, no Brasil, à cisão que deu origem ao Molipo; morto em 5 de janeiro de 1972.

⁴⁷ Sílvia Peroba Carneiro Pontes, militante da ALN que aderiu, no Brasil, à cisão que deu origem ao Molipo.

operários para retomar uma organização de massa, mas uma organização com vínculos nos setores operários e populares.

DENISE - Era um processo que estava acontecendo entre esse grupo da ALN lá em Cuba e aqui também.

ARTHUR - *Aparentemente. Eu me lembro de relatos que o pessoal fazia das divergências em Cuba...*

DENISE - Você conheceu, teve contato com esse pessoal?

ARTHUR - *Sim, eu conheci o tenente Adalberto Mortatti, o Márcio Beck Machado...⁴⁸ Com uma parte deles tive um bom contato. Apesar de que pela coisa estaque, até pelas condições na época... Nem se ficava conversando tanto sobre Cuba ou coisa assim. Havia toda uma política de se evitar a divulgação da informação por um problema de segurança, não por outro. Mas, lembro que, quando a gente teve chance de conversar sobre essas coisas, com a Maria Augusta Tomás⁴⁹, por exemplo... havia divergências com a ALN, com o comportamento da ALN. Me lembro, a imagem que ficou, na minha cabeça, era alguma coisa assim: o Fleury, o Carlos Eduardo Fleury, ele liderou esses 28 lá... Comentava-se que o Fidel dava muita importância e tinha esperança nele. Eles teriam voltado para o Brasil um pouco à revelia dos acordos que Cuba tinha com a ALN. [...] Receberam documentação, apoio pra voltar. [...] A imagem que tenho é como se eles tivessem vindo extra-oficialmente em relação às relações de Cuba com os demais movimentos e com a própria ALN. [...] O fato é que o pessoal veio para cá, mas foi derrubado rápido.*

DENISE - Por que você acha que Cuba deu esse apoio especial a eles, ao Grupo dos 28?

ARTHUR - *Eu não sei te dizer por que, não sei, posso supor. Uma impressão que eu tenho: esse pessoal que voltou era um pessoal com mais elaboração teórica, com mais perspectiva dentro da ALN. A ALN*

⁴⁸ Aylton Adalberto Mortatti e Márcio Beck Machado, militantes da ALN que aderiram à cisão, em Cuba, que deu origem ao Grupo dos 28 e, em seguida, ao Molipo. Mortatti consta como desaparecido no *Dossiê dos mortos e desaparecidos políticos a partir de 1964*, desde a sua prisão em 4 de novembro de 1971; Sua morte foi reconhecida no *Anexo I da Lei 9.140/95*. Cf. MIRANDA; TIBURCIO, op. cit., p. 131. Márcio Beck foi morto em Goiás, em 17 de maio de 1973.

⁴⁹ Maria Augusta Tomás, militante da ALN, aderiu, em Cuba, à cisão que deu origem ao Grupo dos 28 e, em seguida, ao Molipo; foi morta em Goiás, em 17 de maio de 1973, com Márcio Beck.

tinha no Marighella, no Toledo, teóricos, bem ou mal, com trajetória no Partidão e tudo isso. Mas a ALN aqui no Brasil era uma estrutura militar, muito militarizada mesmo. O filme O Que é Isso, Companheiro? o pessoal critica, mas ele tem um fundo forte de verdade no sentimento de que: “Aqui, quem manda é a arma, a decisão, a ação”. Havia uma ação muito grande sobre o braço armado... Esse pessoal tinha essa visão... Então, é possível que eles enxergassem nesse pessoal uma possibilidade de crescimento e de uma recomposição de uma guerrilha que estava se desestruturando por completo. Na época, aqui nós já tínhamos um monte de grupos guerrilheiros isolados; se ajudavam por problemas muito objetivos: sobrevivência. “Nós vamos fazer a ação armada com o apoio...” A ALN nos dava apoio a nós, Molipo, para fazer a ação armada antes dos 28... Porque era uma questão de solidariedade: “Eles estão contra? Então, nós estamos juntos. Divergimos? Divergimos. Você acha isso e eu acho aquilo, mas eles nos ajudaram”. Nos ajudaram a conseguir armas, fazendo ações armadas. [...]

Havia um pessoal aqui se estruturando. Não sei te dizer se nós já tínhamos um nome, exatamente, mas havia um pessoal aqui discutindo, havia uma certa divergência rolando aqui. Não sei te precisar se é antes, depois, ou no mesmo momento, porque os contatos chegavam para nós sempre com uma série de defasagens. [...] Acho que esse movimento, pelo menos o núcleo de divergência, já existia com certeza antes. Me lembro de uma conversa que eu tive: “Está chegando um pessoal de Cuba. Esse pessoal é um pessoal bom, eles concordam com essas idéias, nós estamos precisando nos unir a eles”. Houve essa discussão.

DENISE - *Esse pessoal, do Grupo dos 28, era um pessoal mais bem preparado?*

ARTHUR - *Eu não sei comparar com você. Eu me lembro muito da Maria Augusta... [...] Nunca comentaram isso comigo. [...] Me lembro dela comentando: eram ações na selva, fundamentalmente, sobrevivência em selva, treinamento de emboscada, treinamento com armamento, com explosivos. Eles trouxeram uma série de instruções de como preparar bombas e explosivos, manejar armas, preparar coisas mais rudimentares, sobreviver na selva. O foco do treinamento em Cuba, se eu bem entendi, era um foco para mata, não era para uma guerrilha urbana, ainda que você produzir explosivos e uma série de coisas tenha um sentido genérico, não depende de onde você está atuando.*

DENISE - O pessoal achava que com esse treinamento estaria bem preparado para vir para o Brasil fazer esse trabalho...

ARTHUR - *(interrompendo)* O pessoal se considerava uma equipe...

DENISE - *(interrompendo)* Bem treinada?

ARTHUR - *Pronta para briga. E não posso dizer que eram mal preparados. A história do Mortatti até hoje não é muito clara. A história que eu sei do Tenente⁵⁰ é que ele foi pego numa blitz lá na Móoca.⁵¹ Mas ele estava com papéis e num dos papéis tinha o endereço da casa onde ele estava. Parece que, depois, abriu lá a boca. Mas não sei mais nada. O fato concreto é que, depois da queda dele, foi uma... foi de batelada.*

DENISE - Foi depois dele?

ARTHUR - *Foi depois dele, foi uma série de gente para o cemitério.*

DENISE - E ele está na lista dos “desaparecidos”.

ARTHUR - *Até hoje está na lista dos “desaparecidos”⁵². Então, não se sabe. A Maria Augusta era companheira dele e, depois, nós ficamos juntos... A partir da queda dele começaram a cair numa seqüência muito forte, gente uma atrás da outra. Não se sabe se ele ficou preso e abriu a boca ou o que aconteceu, mas o Arantes morreu na casa dele, no aparelho dele.*

DENISE - Na rua Cervantes.

ARTHUR - *Lá na Móoca. Morreu dando tiro para todo o lado, porque viu que não tinha mais jeito. Quer dizer, o pessoal, eu acho, preparado estava, dava para sentir. [...] O treinamento que era feito aqui era uma coisa simples: era ir para o mato dar tiro e fazer mira. Uma coisa muito rudimentar, quase grotesca. Não havia um treinamento organizado. Com esse pessoal houve treinamento com explosivos, algumas coisas mais. [...] Eu me lembro da Maria Augusta comentando que o Fidel via no Fleury um novo Marighella, como se esse grupo, voltando com a liderança do Fleury e com a cabeça que eles tinham, pudesse reconquistar... Porque ficou esfacelado com a morte do Marighella e do Joaquim Câmara. Não tinha uma liderança expressiva. Tinha o Lamarca, tinha uma porção de grupos soltos sem uma direção.*

⁵⁰ Aylton Mortatti.

⁵¹ No seu aparelho estava José Roberto Arantes, preso no mesmo dia, 4 de novembro de 1971.

⁵² Ver N. 48

Acho que houve uma aposta no Fleury. [...] É uma impressão que eu tenho que esse pessoal de origem estudantil, mas lideranças estudantis, com uma formação intelectual, uma elaboração teórica e se prepararam, resolveram o outro lado da moeda. Foram preparados para enfrentar a briga. Era típico aqui na ALN, quando vinha o pessoal armado, já preparado para a luta, a briga, as tuas divisas na discussão política e nas decisões eram a tua competência militar. Essa era a tua divisa e, evidentemente, isso não pode ser verdade num movimento político: a divisão militar se sobrepor. A competência militar numa luta armada é evidentemente fundamental, mas a cabeça tem que ser política, o comando tem que ser político, isso é universal.

DENISE - Concretamente acabou prevalecendo isso.

ARTHUR - *Acabou prevalecendo o que o Molipo, os 28 contrapõem. [...] A gente tinha um documento pobrezinho que usamos na época questionando esse aspecto do desligamento do movimento armado dos setores organizados de massa, operário e tudo o mais. Esse era um gancho para toda uma discussão desse pessoal dos 28. E eles também, por outro lado, precisavam ter onde pisar aqui e a gente foi uma porta importante para eles entrarem aqui e até terem estrutura para se fixarem. Essa é uma impressão que eu tenho, eles se compunham um grupo competente e capaz.⁵³ Eu acho que havia, na política de Cuba, uma expectativa de que esse pessoal pudesse de fato ser a liderança dos movimentos armados aqui, pela competência, pela experiência.*

⁵³ A partir daqui: SCAVONE, A. M. Arthur Machado Scavone: depoimento [5 jul. 2000]. Entrevistador: Denise Rollemberg. São Paulo, 2000. Fita 1, lado B. Entrevista concedida ao Projeto de Pesquisa O Apoio de Cuba à Luta Armada no Brasil: o treinamento guerrilheiro.

THE ALN AND CUBA: SUPPORT AND CONFLICT

ABSTRACT

From 1967 on Carlos Marighella was chosen by Cuba as the main character of the revolution in Brazil and the ALN, the organization he had created, as one of the best prepared to trigger it. There has always been a sort of mystic among the right and the left concerning the relations of the revolutionary leaders who were supported by Cuba, particularly those of Marighella with Cuba. Nevertheless while researching on Cuba support to the armed struggle in Brazil, at three different moments, it became clear that it was a relation with tensions and conflicts. The contradictions were never settled, not even after the leader death culminating with one of the most tragic events of the armed struggle in Brazil: the return of the militants of the so called III Army of the ALN. The objective of the text is the publishing of some edited interviews in which the relations of support and conflict between Cuba and the ALN appear.

KEYWORDS

Revolution; Armed struggle; Vanguard; Guerrilla; Cuba